

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINHAS DE CUIDADO EM ENFERMAGEM



MÓDULO IV: METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO



GOVERNO FEDERAL

Presidente da República Dilma Vana Rousseff

Ministro da Saúde Alexandre Padilha

Secretário de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES)

Diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde (DEGES)

Coordenador Geral de Ações Estratégicas em Educação na Saúde

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitora Roselane Neckel

Vice-Reitora Lúcia Helena Pacheco

Pró-Reitora de Pós-Graduação Joana Maria Pedro

Pró-Reitor de Extensão Edison da Rosa

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Diretora Kenya Schmidt Reibnitz

Vice-Diretor Arício Treitinger

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

Chefe do Departamento Lúcia Nazareth Amante

Subchefe do Departamento Jane Cristina Anders

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Coordenadora Flávia Regina Souza Ramos

Subcoordenadora Vânia Marli Schubert Backes

COMITÊ GESTOR

Coordenadora Geral do Projeto e do Curso de Especialização Vânia Marli Schubert Backes

Coordenadora Didático-Pedagógica Kenya Schmidt Reibnitz

Coordenadora de Tutoria Lúcia Nazareth Amante

Coordenadora de EaD Grace Terezinha Marcon Dal Sasso

Coordenadora de TCC Flávia Regina Souza Ramos

Coordenadoras Pólos Silvana Martins Mishima, Lucieli Dias Pedreschi Chaves, Lucilene Cardoso

EQUIPE DE APOIO

Secretaria: Claudia Crespi Garcia e Viviane Aaron Xavier

Tecnologia da Informação: Fábio Schmidt Reibnitz

AUTORAS

Flávia Regina Souza Ramos

Maria Itayra Padilha

Odaléa Maria Brüggemann

REVISÃO TÉCNICA

Kenya Reibnitz Schmidt

© 2013 todos os direitos de reprodução são reservados à Universidade Federal de Santa Catarina. Somente será permitida a reprodução parcial ou total desta publicação, desde que citada a fonte.

Edição, distribuição e informações:

Universidade Federal de Santa Catarina

Campus Universitário, 88040-900 Trindade – Florianópolis – SC

M4 – Metodologia do Trabalho Científico

R175c RAMOS, Flavia Regina Souza

Curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem: Metodologia do trabalho científico / Flavia Regina Souza Ramos; Maria Itayra Padilha; Odaléa Maria Brüggemann – Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina/ Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2013.

85 p.

ISBN: 978-85-88612-73-0

1. Metodologia científica. 2. Enfermagem - Educação.

CDU – 001.8

Catalogado na fonte por Anna Khris Furtado D. Pereira – CRB14/1009

EQUIPE DE PRODUÇÃO DE MATERIAL

Coordenação Geral da Equipe Eleonora Milano Falcão Vieira, Marialice de Moraes

Coordenação de Design Instrucional Andreia Mara Fiala

Design Instrucional Master Márcia Melo Bortolato

Design Instrucional Margareth Silveira

Revisão Textual Deise Joelen Tarouco de Freitas

Coordenadora de Design Gráfico Giovana Schuelter

Design Gráfico Cristal Muniz, Fabrício Sawczen

Design de Capa Rafaella Volkmann Paschoal

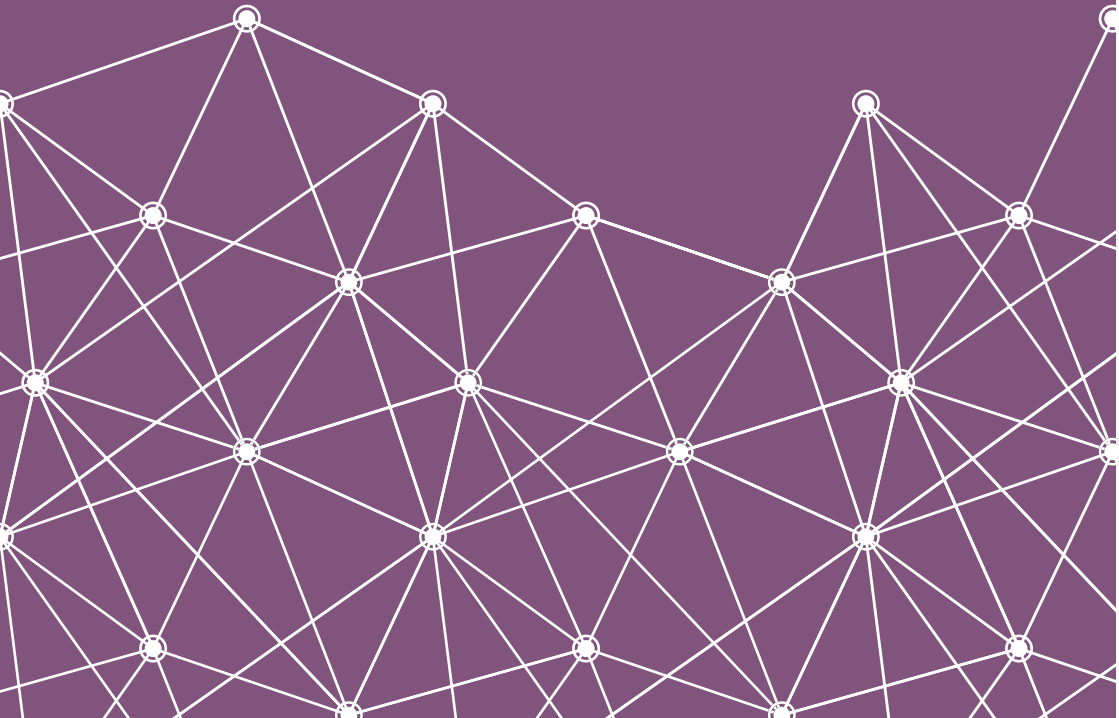
Projeto Editorial Cristal Muniz, Fabrício Sawczen

UFSC/ENFERMAGEM/PEN

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINHAS DE CUIDADO EM ENFERMAGEM

MÓDULO IV

METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO



FLORIANÓPOLIS
2013

CARTA DO AUTOR

Caro especializando/aluno

Bem-vindo a mais um importante módulo de seu curso. Tenha certeza de que ele foi preparado pensando cuidadosamente em sua atual etapa de formação, para lhe proporcionar não apenas as bases teóricas fundamentais, mas também, momentos interessantes de reflexão.

Atualmente, parece difícil alguém duvidar da importância do conhecimento científico e seu grande potencial para tornar melhor a vida humana. Mas, ainda existem muitas ideias erradas sobre o que é e quem pode, afinal, produzir este tipo de conhecimento. Por isso, neste módulo iremos desmistificar algumas dessas noções e desenvolver as competências que todos podemos ter em realizar estudos acadêmico-científicos que realmente façam sentido na prática profissional.

A principal mensagem que gostaríamos de deixar é aquela que reafirma o potencial da Enfermagem em produzir conhecimentos úteis para a crescente qualificação do cuidado à saúde das pessoas e da população em geral. Somos uma grande força e presença em todos os serviços de saúde e a visibilidade de nosso trabalho também depende do compromisso que assumimos com sua qualidade. E sem pesquisa não podemos falar de avanços de qualidade, criticidade e inovação.

Para isso, você está sendo convidado a conhecer as bases do processo de investigação científica, compreender as etapas e instrumentos metodológicos para o desenvolvimento de um trabalho científico e, finalmente, aplicá-lo no contexto da prática assistencial.

Essa pode ser uma aventura promissora, que une o compromisso profissional com a curiosidade, a instigante busca e a disciplina da investigação. Faça você também esta ponte, entre a prática e a pesquisa, tornar-se mais e mais percorrida e ampliada.

Desejamos que você goste do desafio e tenha satisfação de colher os frutos que virão.

Tenha uma ótima jornada!

Flávia Regina Souza Ramos, Dra.
Maria Itayra Padilha, Dra.
Odaléa Maria Brüggemann, Dra.

*A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.
Albert Einstein*

OBJETIVO GERAL

Conhecer as bases e instrumentos metodológicos para o desenvolvimento de um trabalho científico no contexto da Prática Assistencial.

CARGA HORÁRIA

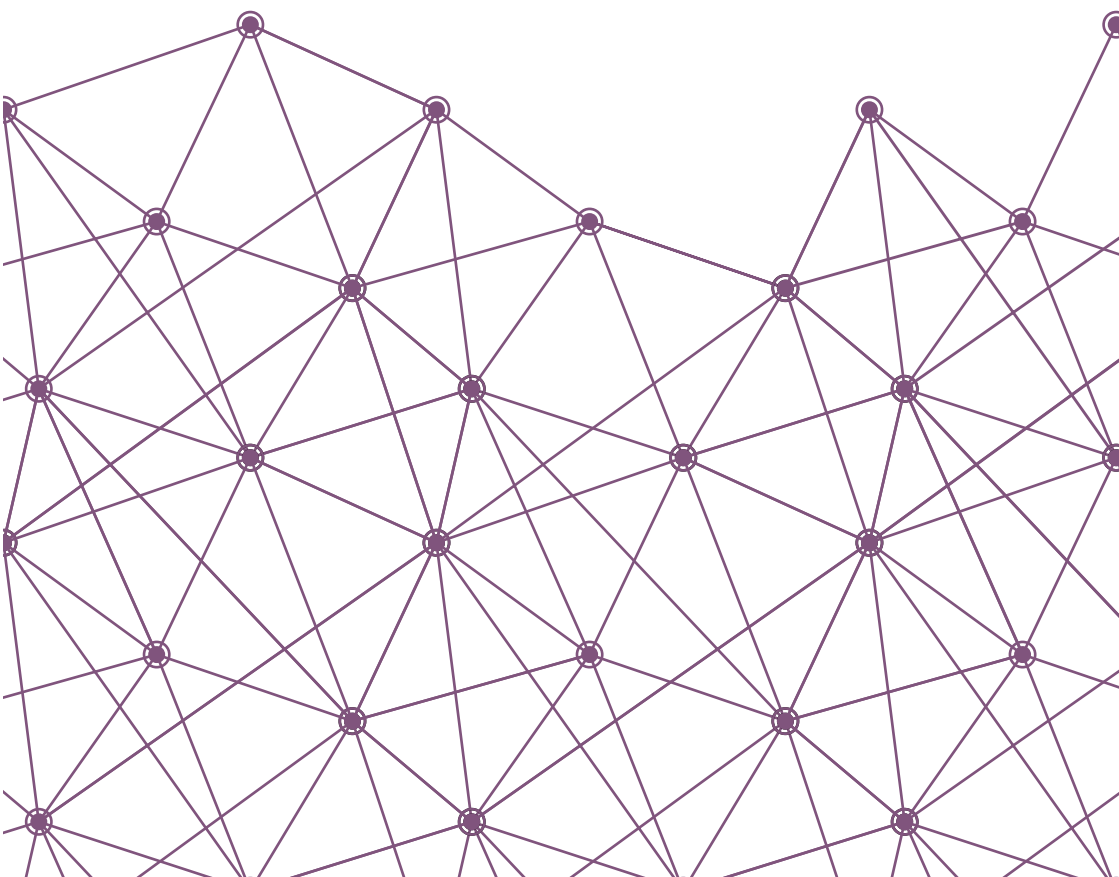
30 horas.

SUMÁRIO

UNIDADE 1 — O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E SUA RELAÇÃO COM OS TIPOS DE CONHECIMENTO	11
1.1 Introdução.....	11
1.2 A Pesquisa científica	12
1.3 Os diferentes tipos de conhecimento	14
Conhecimento filosófico.....	16
Conhecimento religioso.....	16
Conhecimento mítico.....	16
1.4 Conhecimento científico — da definição para a prática.....	18
1.5 Resumo	19
1.6 Fechamento	20
1.7 Recomendação de leitura complementar	20
UNIDADE 2 - DO PROBLEMA AO PROJETO DE PESQUISA	23
2.1 Introdução.....	23
2.2 O problema - o que pesquisar e por que pesquisar?	24
2.3 Objetivos do estudo - para que pesquisar?	32
2.4 A revisão de literatura	34
2.5 Resumo	42
2.6 Fechamento	42
2.7 Recomendação de leitura complementar	43
UNIDADE 3 — METODOLOGIA DO PROJETO E RELATÓRIO DE PESQUISA	45
3.1 Introdução.....	45
3.2 A metodologia — abordagem qualitativa e quantitativa	46
3.2.1 Método quantitativo.....	46
3.2.2 Método qualitativo.....	47
3.2.3 Diferenças entre os métodos.....	48
3.3 Componentes do método - como pesquisar?	50
3.4 Quando e com que recursos pesquisar? Quem irá pesquisar? (cronograma, orçamento e equipe)	66
3.4.1 Quando pesquisar.....	66
3.4.2 Com que recursos pesquisar?	68
3.4.3 Pesquisado por quem? (equipe de trabalho, pesquisadores, coordenadores, orientadores).....	69
3.5 Cuidados éticos na pesquisa científica	70
3.6 Resumo	74
3.7 Fechamento	74
3.8 Recomendação de leitura complementar	75

UNIDADE 4 - A PESQUISA CONVERGENTE ASSISTENCIAL	77
4.1 Introdução.....	77
4.2 O que é a pesquisa convergente assistencial	77
4.3 Pressupostos e etapas da pesquisa convergente assistencial	78
4.4 Resumo	80
4.5 Fechamento	80
4.6 Recomendação de leitura complementar	81
ENCERRAMENTO DO MÓDULO	82
REFERÊNCIAS	83
MINICURRÍCULO DOS AUTORES.....	86

UNIDADE 1



Unidade 1 – O processo de investigação científica e sua relação com os tipos de conhecimento

1.1 Introdução

Toda investigação deve responder a alguns princípios relativamente comuns e estáveis, ainda que vários percursos diferentes conduzam ao conhecimento científico. A ciência contribui para a vida individual e coletiva na medida em que produz resultados aplicáveis às mais variadas esferas da vida social. Para isso, se utiliza de processos de investigação que procuram atingir conhecimentos sistematizados e seguros. Partiu-se desse pressuposto da importância e utilidade da ciência para vivermos mais e melhor neste planeta e neste tempo. Devemos estar empenhados para que o maior número de pessoas possa produzir conhecimentos válidos e importantes. Devemos ampliar nossa capacidade de gerar conhecimentos onde isso ainda não é feito, além de garantir que todo o processo aconteça da melhor forma possível, ou seja, dentro das condições técnicas e éticas necessárias. Configura-se assim, a importância de profissionais instrumentalizarem-se para o emprego do método científico em suas áreas de atuação.

Vamos pensar no caso da Enfermagem: Como qualquer outra profissão, precisamos desenvolver conhecimentos específicos e pertinentes aos problemas e questionamentos que enfrentamos no cotidiano. Quem melhor do que o próprio profissional para reconhecer tais problemas, descobrir facetas novas sobre questões da prática e buscar instrumentos para novas abordagens? Logicamente que não partimos de mãos vazias – usamos saberes já disponíveis, tanto na Enfermagem como fora dela, mas não podemos ficar limitados a apenas nos apropriar bem daquilo que já existe. A própria incorporação de saberes já exige competências para o acesso e uso crítico dos resultados produzidos. E nisso, a metodologia científica também nos ajuda.

Além disso, a característica da prática de Enfermagem aponta para a responsabilidade que temos com o desenvolvimento do conhecimento – ele tem como foco ou objeto problemas que dizem respeito à vida e a saúde de pessoas, famílias, grupos e comunidades. São problemas complexos, que interessam a muitos e sobre os quais a Enfermagem tem o que dizer, podendo expressar o seu modo de compreender e contribuir também com outros campos do saber. Se esse é, então, um compromisso da profissão,

nos cabe melhorar nosso preparo para pesquisar, incluindo as diferentes etapas deste processo.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um empreendimento acadêmico e científico e, portanto, deve ser orientado pelo método científico, mesmo que sob diferentes modalidades. Esperamos que esta pequena introdução tenha estimulado sua consciência para assumir a importância e responsabilidade que tem como profissional e pesquisador científico na área de enfermagem.

1.2 A Pesquisa científica

Por onde começar?

Um dos momentos fundamentais do processo de investigação começa antes mesmo de suas etapas mais convencionalmente reconhecidas ou da execução propriamente dita. Para que alcance seus objetivos é necessário que se planeje o processo de investigação. Planejar significa, aqui, traçar o curso de ação que deve ser seguido no processo da investigação científica. Planejar subentende prever as possíveis alternativas existentes para se executar algo.

Essa exigência de planejamento não significa, porém, que se sigam normas rígidas. A flexibilidade deve ser a característica principal do planejamento da pesquisa, de tal forma que as estratégias previstas não bloqueiem a criatividade e a imaginação crítica do investigador.

A investigação não deve se desenvolver em função das normas, mas em função do seu objetivo, que é buscar a explicação para o problema investigado. Para tanto, o método é uma forma de progredir em direção a um objetivo. Os métodos não são mais do que formalizações particulares do procedimento, percursos diferentes concebidos para estarem mais adaptados aos fenômenos ou domínios estudados. Mas esta adaptação não dispensa a fidelidade do investigador aos princípios fundamentais do método científico e das especificidades de cada abordagem de pesquisa, seja ela quantitativa ou qualitativa.

Pesquisar significa identificar uma dúvida que necessita ser esclarecida, construir e executar o processo que apresenta a sua solução, quando não há teorias que a expliquem, ou quando as teorias que existem não estejam aptas para fazê-lo.

Desde a preparação até a apresentação de um relatório de pesquisa estão envolvidas diferentes etapas. Elas não são estanques, podem ser concomitantes ou até mesmo interpostas. O fluxo apresentado tem apenas a finalidade didática de exposição. Antes mesmo de pensar em etapas e fluxos, precisamos retomar alguns conceitos que ajudam a esclarecer sobre diferentes modos de conhecer e sua relação com a pesquisa.

Você já se deu conta de quantos tipos de conhecimento aplicamos em todos os momentos de nossa vida? Seja no âmbito profissional ou na vida cotidiana, recorreremos a alguns saberes que facilmente são identificados em sua origem, ou que sabemos que aprendemos em um processo de educação formal, no ensino básico, na universidade, entre outros. Muitos deles são derivados da ciência, mas já nos acompanham desde a infância – como: porque o dia tem 24 horas? - outros são exclusivos de uma formação profissional – como: o que observar numa gestante que está sendo acompanhada?

Muitos outros tipos de conhecimento nos ajudam a tomar decisões todos os dias, portanto são úteis e importantes, mas foram adquiridos pela tradição ou no processo de socialização num grupo ou comunidade. O acesso aos saberes também é diverso e ninguém vive alheio ao que a sociedade já produziu de conhecimento, embora o acesso e os benefícios do saber não sejam igualmente distribuídos.

O grande desafio das sociedades não é apenas produzir mais e melhores conhecimentos, mas também fazer com este conhecimento contribua para que todos vivam melhor.

No próximo tópico você vai relembrar os diferentes tipos de conhecimento e caracterizar um tipo em especial – o conhecimento científico. Afinal, nesta etapa de formação você não apenas fará crescentes aprofundamentos nas bases científicas de seu trabalho, mas também desenvolverá um trabalho acadêmico científico.

1.3 Os diferentes tipos de conhecimento

Ao falarmos em conhecimento científico, o primeiro passo consiste em diferenciá-lo de outros tipos de conhecimento existentes. Para tal, vamos analisar duas situações históricas, que podem servir de exemplo:

Vamos imaginar um homem pré-histórico lutando com os elementos, confrontado com as forças hostis da natureza que deve dominar para viver, para sobreviver...

Tomemos como exemplo, o fogo: um dia após uma tempestade, o homem vê que um raio queimou o mato; que um animal nele preso cozinhou e ficou delicioso, e que o fogo, além disso, pode aquecê-lo. Neste momento, surge a pergunta: O que é o fogo? Como produzi-lo, conservá-lo, transportá-lo?

Outro exemplo: na mais remota antiguidade, a maioria dos partos era assistido no domicílio, por parteiras leigas que, sem instrução alguma, sabiam exatamente a hora em que o bebê iria nascer e os cuidados a serem tomados para que ele nascesse em boas condições. Este conhecimento era passado de mãe para filha, e se repetiu durante séculos e séculos.

Hoje quase não há parteiras leigas. Os partos são em grande maioria atendidos em hospitais. Nesse local, a mulher, muitas vezes, pode optar pelo parto normal ou cesáreo e é submetida a procedimentos que visam assegurar boas condições de saúde dela e do seu feto/recém-nascido. Os cuidados se tornaram mais complexos do que antes.

Para sobreviver e facilitar sua existência, o ser humano confrontou-se permanentemente com a necessidade de dispor do saber e mesmo de construí-lo por si só.

Mesclam-se neste exemplo, dois tipos de conhecimento:

O primeiro, **popular** (vulgar) ou também denominado senso comum, como no exemplo da parteira leiga: é um conhecimento transmitido de geração a geração, por meio da educação informal, e baseado na imitação e na experiência pessoal. O que se constitui como um saber empírico e desprovido de conhecimentos teóricos sobre as condições da placenta, do desenvolvimento do feto, das condições intrauterinas, entre tantas outras.

No caso do fogo, seu uso foi dominado e passou a fazer parte do nosso cotidiano, sem que sequer questionemos sua existência, apenas aproveitamos os seus benefícios.

Um exemplo, bem conhecido é o filme *Náufrago*, onde o ator Tom Hanks precisa aprender coisas básicas, como fazer o fogo pressionando duas hastes secas em rápida fricção, até surgir o fogo.



Saiba mais

Saiba mais assistindo ao filme:

NÁUFAGO. Direção: Robert Zemeckis. Produção: Tom Hanks, Jack Rapke, Steve Starkey, Robert Zemeckis. Intérpretes: Tom Hanks, Helen Hunt, Christopher Noth, Nick Searcy, Lari White, Michael Forest, Viveka Davis, Chris Noth. Roteiro: William Broyles Jr. EUA: Estúdio DreamWorks SKG, 2000. (143 min.), color.

O segundo tipo de conhecimento, o **científico**, é transmitido por intermédio de treinamento apropriado, sendo obtido de modo racional e conduzido por meio de procedimentos científicos.

O objetivo principal da pesquisa científica é o de conhecer o funcionamento das coisas, para melhor controlá-las, e fazer previsões melhores a partir daí.

Assim, podemos explicar o porquê e como estes fenômenos podem se correlacionar numa visão mais globalizante do que simplesmente estar relacionado como um fato isolado ou próprio de uma cultura específica.

O conhecimento popular ou vulgar, também denominado de senso comum, distingue-se do conhecimento científico pelos métodos e instrumentos utilizados como a observação, a experimentação e a mensuração, que estão atrelados aos fundamentos do método científico em sua forma experimental.

A ciência não é a única forma de acesso ao conhecimento e a verdade. Um mesmo objeto ou fenômeno pode ser matéria de observação para um cientista e para um homem comum. O que leva ao conhecimento científico ou vulgar (senso comum) são as formas de observação e de sistematização de seus achados.

Além dos conhecimentos científicos e o do senso comum, temos outros tipos importantes que vamos citar rapidamente e que você poderá consultar posteriormente em Buzzi (1982).

Conhecimento filosófico

Seu ponto de partida consiste em hipóteses que não poderão ser submetidas à observação. As hipóteses filosóficas baseiam-se na reflexão sobre a vida concreta, portanto, este conhecimento emerge da experiência e não da experimentação.

O objeto da Filosofia são ideias, relações conceptuais, exigências lógicas não redutíveis a realidades materiais e, por isso mesmo, não passíveis de observação sensorial como a exigida pela ciência experimental.

Ex: finalidade da vida, liberdade, ética e amor. A filosofia se movimenta numa representação da realidade e posiciona um sentido da experiência do ser.

Conhecimento religioso

A fé fundamenta-se a si própria. A fé garante-se a si mesma, ela é autônoma e absoluta no que crê e no que espera. A fé é o fundamento da Teologia e esta é um discurso sobre a ação do homem. Procura mostrar como a ação de fé articula-se na inteligibilidade da razão, enunciada num determinado mundo natural.

A fé só existe e se torna manifestada na ação. Por isso, na Bíblia, na Igreja e na Teologia está depositado o sublime da ação: a fé.

Ex: existência de Deus. Há vida após a morte. Reencarnação. Anjos. Milagre.

Conhecimento mítico

Criticamente, é considerado um não conhecimento, reunindo um conjunto de credices oriundas de mitos (culturais) e de elementos fantasiados e organizados psicanaliticamente (individuais).

Ex: tarô, Astrologia, poções mágicas, magia.

Apesar da separação metodológica entre os tipos de conhecimento: popular, filosófico, religioso e científico, no processo de apreensão da realidade ou do objeto, o sujeito cognoscente (aquele que conhece) pode ingressar nas diversas áreas do saber.

Por exemplo, ao estudar, o homem pode tirar uma série de conclusões sobre sua atuação na sociedade baseadas no senso comum; pode analisar-se como um ser biológico, verificando, através da investigação experimental, as relações existentes entre determinados órgãos e suas funções; pode questionar-se quanto à sua origem e seu destino, assim como quanto à sua liberdade. E finalmente, pode observar-se como um ser criado pela divindade, à sua imagem e semelhança e meditar sobre o que se diz sobre ele nos textos sagrados.

Diante do exposto nos questionamos: como a pesquisa científica acontece?

É muito impreciso datar o início da ciência, pois existem vários marcos históricos que identificam formas de pensamento desenvolvidas pelo ser humano, ou mesmo indicar um fato ou um pensador que produziu mudanças na gênese da ciência.

Quando falamos de ciência moderna, alguns autores reconhecem que o pensamento científico moderno nasceu com Galileu. Ele conferiu autonomia à ciência, pois passou a distingui-la da filosofia e da religião ao delimitar o seu objeto, objetivo e método (observação, experimentação e indução).

O objeto específico da ciência são as coisas da natureza; da filosofia, as questões ontológicas; e da religião, as verdades religiosas (TURATO, 2005).

A importância dada a Galileu é, também, dividida com um importante artefato ou instrumento por ele utilizado – o telescópio. Esta ferramenta do fazer científico foi também o produto tecnológico desta mesma ciência e permitiu a observação dos astros. Mas o mais interessante é que tornou tão revolucionária esta invenção, bem como a teoria de Galileu que ela permitiu, foi a ruptura com um modo de conceber o ser humano e o planeta.

Depois de Galileu, é questionado o dogma religioso que colocava a terra e o homem como centros do universo, sob domínio da vontade divina. O mistério pode ser desvendado e a verdade única e absoluta pode ser revelada como pura e falsa conjectura, fantasia e mito. Assim, a investigação científica surge quando os conhecimentos do senso comum, filosófico, religioso e mítico passam a ser insuficientes e impotentes para explicar os novos e crescentes problemas e as dúvidas (KOCHE, 2001).

1.4 Conhecimento científico – da definição para a prática

O conhecimento científico é construído através de procedimentos que denotem atitude científica, pois proporcionam condições de experimentação de suas hipóteses de forma sistemática, controlada e objetiva e de ser exposto à crítica intersubjetiva. Assim, oferece maior segurança e confiabilidade nos seus resultados e maior consciência dos limites de validade de suas teorias (KOCHE, 2001).

É utilizado para abstrair a realidade, a fim de proceder a sua sistematização, estabelecendo uma ponte entre o abstrato e o concreto, para descobrir realidades ainda não visualizadas e encontrar soluções para problemas relativos ao cuidado na assistência à saúde (TRENTINI; PAIM, 2004).

O conhecimento científico não se contrapõe, necessariamente, aos conhecimentos empíricos. No entanto, ele possui características específicas que norteiam a sua construção, que podem ser definidas como “Conjunto de assertivas que partiram de hipóteses de investigadores que então as sistematizaram em forma de teoria, com emprego de métodos de estudo e de comprovação reconhecidos pelo rigor acadêmico.” (TURATO, 2003, p. 57).

O resultado de uma investigação científica conduz à corroboração de teorias, de explicações formalizadas que expressam intelectualmente uma interconexão sistematizada de uma forma coerente, lógica e correspondente à realidade objetiva. Neste caso, o produto de uma investigação científica é o conhecimento teórico, isto é, a explicação teórica corroborada, expressa por meio de proposições.

Mas, nem sempre o conhecimento científico é teórico ou explicativo; ele pode ser descritivo ou exploratório, de modo a fornecer conhecimentos sobre fenômenos, circunstâncias ou acontecimentos sobre os quais não existe uma compreensão suficiente ou ampliada.

O método de qualquer disciplina científica inclui um modo de raciocinar, um conjunto de estratégias de investigação e um repertório de técnicas de análise adequadas ao objeto proposto (POLIT, 2011). É o modo de fazer; de fazer conhecimento. É um modo de abordar o objeto de estudo.

O desenvolvimento de um trabalho científico é uma atividade que exige planejamento e dedicação, pois pode, muitas vezes, ser árduo, no entanto, é motivado pelo prazer da investigação. Pode trazer alguma frustração e momentos de indecisão, mas deve-se ter a confiança de que tudo no final irá se encaixar e contribuirá para a construção do conhecimento sobre o fenômeno em foco (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2000).

Iniciar uma pesquisa de campo ou bibliográfica sem um projeto é lançar-se à improvisação, tornando o trabalho inseguro, confuso, sujeito à duplicação esforços e utilização inadequada de tempo e recursos. Todos esses problemas podem influenciar negativamente os resultados obtidos.

O projeto de pesquisa objetiva traçar um caminho eficaz que conduza ao fim que se pretende atingir, livrando o pesquisador do perigo de perder-se antes de o ter alcançado. Para que este planejamento tenha sucesso utiliza-se em pesquisa o chamado método científico.



Saiba mais

Você pode navegar um pouco pela Internet e ver novas formas de classificar e exemplificar os tipos de conhecimento. Por exemplo, visite o site: <http://www.youtube.com/watch?v=uZ_vdGFMbBA&feature=related>

1.5 Resumo

Como já anunciamos, o objetivo deste módulo é instrumentalizar para a elaboração do TCC do curso. Portanto, você já começou a aprender ou relembrar tudo o que envolve fazer um trabalho científico.

Nesta primeira unidade você teve a oportunidade e refletir sobre os diferentes tipos de conhecimentos, suas diferenças e importância na vida prática. Diferentes formas de pensamento levam os seres humanos a resolver questões que dizem respeito a dimensões diferentes da vida social. O conhecimento científico propõe-se a abordar muitos destes problemas que se colocam para todos nós e, para isso, possui modos de organizar o caminho do pensamento, na perspectiva de promover avanços coletivamente produzidos. Um tipo especial de conhecimento não apenas possui aplicações específicas, mas segue certos passos e exige certa disciplina intelectual. Mas não pense em disciplina como algo ruim

ou difícil, mas sim como um exercício permanente e instigante, como uma capacidade que se adquire e se aperfeiçoa, dirigindo e afinando os potenciais que existem em cada um.

1.6 Fechamento

Esta unidade foi introdutória, pois deve abrir caminho para que você avance para o desafio que tem pela frente – propor um estudo que responda a um problema, questão ou demanda de sua prática. Um estudo que atenda aos requisitos de um trabalho acadêmico - científico e que represente uma contribuição a uma área, serviço ou sujeitos envolvidos.

Você não está sozinho(a) nesta jornada. Se está pronto(a), vamos prosseguir na próxima unidade, mas não esqueça de fazer as atividades propostas antes.

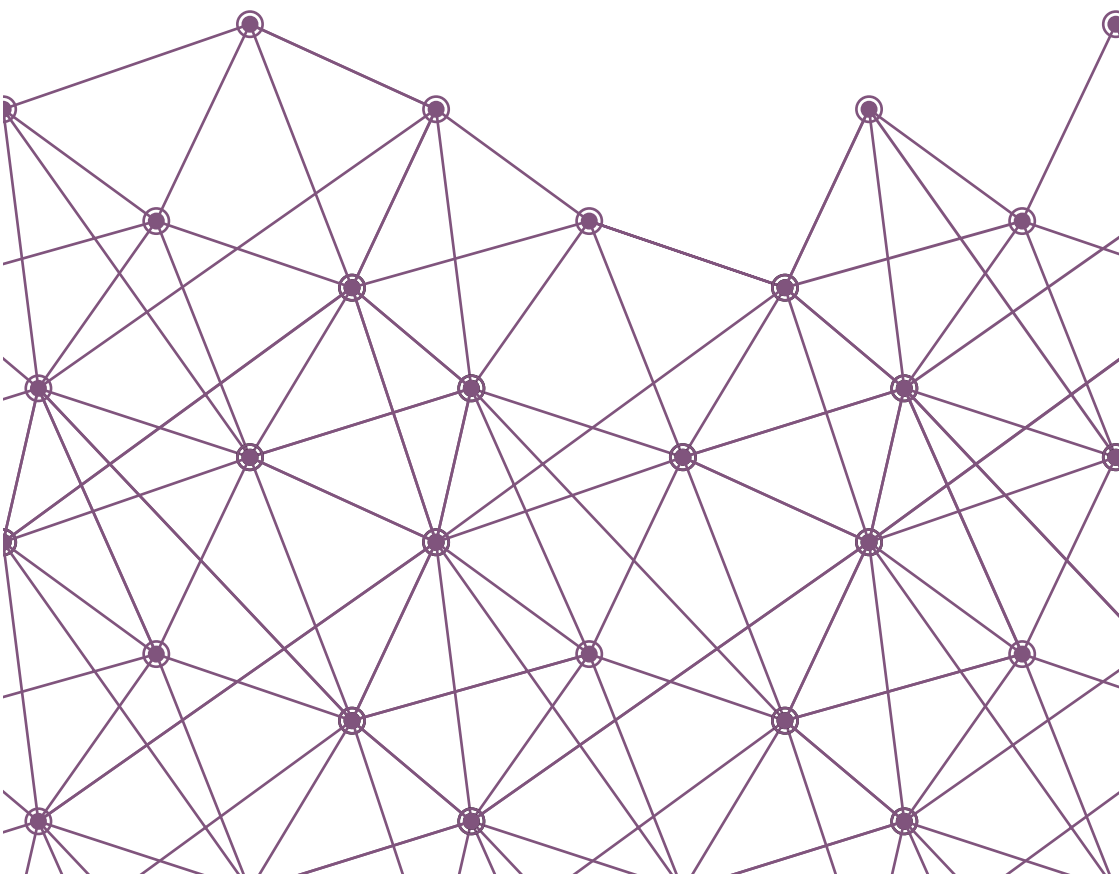
1.7 Recomendação de leitura complementar

Para complementar seus estudos, recomendamos a leitura dos materiais indicados:

BELLO, J. L. P. **Metodologia científica**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met01.htm>>.

ALMEIDA, Aires, et al. **O conhecimento científico**. Disponível em: <<http://www.aartedepensar.com/excertos.html>>

UNIDADE 2



Unidade 2 - Do problema ao projeto de pesquisa

2.1 Introdução

Você conheceu na unidade 1 alguns tipos de conhecimentos e o processo de construção do conhecimento científico. Agora aprofundaremos estas questões conhecendo as etapas do processo. Você verá que, embora as Unidades 2 e 3 tenham como foco principal o **Projeto**, muitas das etapas e aspectos levantados também se relacionam com o **Relatório de Pesquisa**, pois um bom relatório começa com um bom projeto. Mas, quando começa um projeto?

Se você está sensível a um problema é porque ele acontece ou está presente em um contexto e afeta cenários ou pessoas. Um problema não está “solto no ar”, ele tem concretude e pode ser apresentado em sua importância para estes cenários e pessoas. Isto faz parte da delimitação do problema.

Mas será que este problema já foi estudado? O que se sabe sobre ele? Que nova faceta ou perspectiva o seu projeto irá trazer? Pois bem, situando o problema na literatura (revisão de literatura) você obterá estas respostas e ganhará mais conhecimento e consistência sobre o problema.

Ao delimitar o problema e aprofundar-se sobre os conhecimentos que já existem sobre ele, você acabará por se deparar com a necessidade de definir uma abordagem teórica ou buscar um embasamento que lhe ajude a chegar ao foco que deseja.

Você caminha para a explicitação de um referencial teórico.

Então? Viu como “uma coisa puxa a outra” e os que pareciam etapas sucessivas ou estanques são bastante articuladas e complementares?

Agora que ficou mais claro o fluxo do pensamento que guia essa etapa, vamos detalhá-lo melhor nas seções que compõem esta unidade.

É comum destacarmos a importância do **método de investigação**, que é um dos elementos essenciais de um projeto de pesquisa.

Um projeto vai além do seu método. Na verdade, as escolhas metodológicas são vinculadas e dependentes de outras definições, que começam bem antes.

O projeto serve essencialmente para responder às seguintes perguntas:

- O que pesquisar? (definição do problema, hipóteses, base teórica e conceitual?)
- Por que pesquisar? (justificativa da escolha do problema)
- Para que pesquisar? (propósitos do estudo e seus objetivos)
- Como pesquisar? (metodologia)
- Quando pesquisar? (cronograma de execução)
- Com que recursos? (orçamento)
- Quem irá pesquisar? (equipe de trabalho, pesquisadores, coordenadores e orientadores)

Para compreendermos as principais etapas da pesquisa científica vamos agora abordar cada uma delas, relacionando-as com as perguntas-chave acima. Nesta Unidade, nosso foco será nas três primeiras perguntas que constituem um projeto desde a introdução até seus objetivos. Na Unidade 3, voltaremos às perguntas seguintes e ao foco sobre os métodos de pesquisa.

2.2 O problema - o que pesquisar e por que pesquisar?

O objetivo fundamental desta etapa é o investigador definir o problema que irá investigar. Assim, o ponto de partida é a situação que o pesquisador considera problemática e que pretende responder. Normalmente a fonte destes problemas é a própria experiência ou observação do pesquisador, mas também pode ser a literatura (um vazio de conhecimento apontado pela comunidade científica ou profissional), uma pesquisa anterior desenvolvida pelos pares ou o interesse de um grupo (de pacientes, trabalhadores, por exemplo).

Como a identificação e a delimitação do problema não ocorrem de uma forma mecânica e instantânea, elas requerem que sejam executadas em conjunto com a revisão da literatura e com a construção do referencial teórico e das hipóteses. Parece muita coisa para fazer de forma concomitante?

Lembre-se do que dissemos no início desta unidade, “uma coisa puxa a outra”, mas tem que começar bem. Primeiramente, vem a **escolha do tema** para uma pesquisa. Esta escolha deve estar condicionada, principalmente, por três fatores:

1. Responder aos interesses de quem investiga e ser atual e relevante.
2. Estar adequada à qualificação intelectual e ao nível de conhecimento de quem investiga.
3. Devem haver fontes de consulta que estejam ao alcance do pesquisador.



Palavra do profissional

Veja que, para garantir que sua pesquisa apresente qualidade intelectual é aconselhável escolher temas dentro do contexto teórico que mais se domina. Recomenda-se que sua pesquisa inicie pela consulta das publicações sobre o tema nas bibliotecas e bases de dados eletrônicas. Utilize palavras de busca, palavras-chave ou descritores, isso facilita o acesso às revistas científicas, artigos completos, comunicações breves e resenhas, assim como a teses e dissertações. Uma boa técnica também é consultar as referências bibliográficas citadas nos textos, especialmente os de revisão de literatura, assim como, os especialistas ou estudiosos sobre o assunto.

Na sequência, quando abordarmos a revisão de literatura, vamos retomar esse aspecto da busca ou levantamento bibliográfico. Mas, você já pode se exercitar e conhecer alguns importantes recursos. Uma busca inicial também ajuda a ter mais confiança sobre pesquisar ou não sobre um tema ou problema.

Você pode acessar as principais bases de dados e descobrir que fazer uma busca ordenada e eficiente não é “bicho-de-sete-cabeças”. Os sistemas de busca são ágeis e autoexplicativos. De resto, é exercitar e aperfeiçoar, cada vez mais, sua busca. Veja as indicações a seguir:

PRINCIPAIS BASES DE DADOS

- ISI – Institute for Scientific Information / Web of Science
- MEDLINE – National Library of Medicine (NLM/EUA)
- SCOPUS - Editora Elsevier
- SciELO - Scientific Electronic Library Online
- LILACS - Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
- BDENF - Banco de Dados de Enfermagem
- CINAHL - Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature
- CUIDEN - Index de Enfermería en Español
- LATINDEX - Sistema Regional de Información em línea de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España e Portugal
- RedALyC - Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, Espana y Portugal

Vamos voltar à escolha do tema?

Escolher o tema é indicar a área e a questão que se quer investigar, por exemplo: a aplicação da metodologia problematizadora como forma de favorecer a educação para a saúde das crianças da creche do morro do Mocotó.

Observe que, apenas a escolha do tema não diz ainda o que o pesquisador quer investigar, pois ela tem caráter amplo. A sua meta, nesta etapa, é a de delimitar a dúvida que irá responder com a pesquisa. A melhor forma de começar um trabalho de investigação é partir de uma pergunta introdutória objetiva. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir, o mais exatamente possível, aquilo que procura saber, elucidar e compreender melhor. A pergunta introdutória servirá de primeiro fio condutor da investigação. Booth, Colomb e Williams (2000) orientam com relação à formulação da pergunta, veja:



Palavra do profissional

1. Especifique seu tópico: estou estudando...
2. Formule sua pergunta: porque quero descobrir quem?/ como?/por que?
3. Estabeleça o fundamento lógico para a pergunta do projeto: para entender/como?/por que?/o que?

Vamos exercitar um pouco? Que tal um exemplo?

1. O estudo trata da adesão ao tratamento por usuários com hipertensão arterial
2. O interesse ou questão mobilizadora é: por que os usuários do território X apresentam uma baixa adesão ao tratamento da HA?
3. É a partir desse conhecimento que o cuidado de enfermagem poderá ser mais bem planejado e desenvolvido junto ao sujeito em questão.

Qualidade da pergunta

Uma boa pergunta de pesquisa é aquela que possui as seguintes qualidades:

- **Clareza:** ser precisa, concisa e unívoca.
- **Exequibilidade:** ser realista. Factível de ser executada, considerando o recrutamento dos participantes/sujeitos, o domínio técnico, o tempo disponível e os custos.
- **Pertinência:** ser uma verdadeira pergunta; abordar o estudo do que existe; ter a intenção de compreender os fenômenos estudados ou de confirmar, refutar, expandir achados anteriores e fornecer novos.
- **Relevância:** para o conhecimento científico, para as diretrizes de saúde e para direcionamentos de futuras pesquisas.

Exemplo de pergunta

- Que instrumentos a enfermeira utiliza para avaliar a manifestação dolorosa do cliente em pós-operatório de cirurgia ginecológica?
- Quais os conhecimentos das mães do território X sobre vacinação?
- Quais as principais dificuldades da equipe da Unidade Y para efetivar o planejamento local em saúde?
- Como os usuários avaliam o cuidado/atenção oferecida pelo serviço Z?
- Porque os alunos manifestam mais satisfação com uma determinada professora do que com outra?
- De que forma a orientação pré-operatória pode contribuir para uma recuperação mais rápida do cliente?

A natureza da pergunta varia. Começando pela observação de um fato ou de uma série deles, cabe perguntar se os fatos de uma determinada classe seguem sempre o mesmo modelo, ou se existem circunstâncias em que o

resultado pode ser diferente. Ou pode buscar-se uma explicação do processo pelo quais certas condições levam a determinados resultados.

Formato da pergunta

As perguntas podem adotar a forma de:

- O que ocorre quando....?
- O que ocorrerá se...?
- Qual é o mais...?
- De que modo?

Perguntas de pesquisa podem estar relacionadas com o intento de cobrir uma lacuna do conhecimento, de comprovar uma hipótese ou de contestar alguma proposição que é geralmente admitida, verificando se esta é, com efeito, sustentável.

A **delimitação do problema** esclarece os limites precisos da dúvida que tem o investigador dentro do tema escolhido. Não se pode propor uma pesquisa na qual não há dúvida. Inicialmente, à luz dos próprios conhecimentos, o investigador elabora uma delimitação provisória do seu problema de investigação.



Palavra do profissional

Uma forma de testar a qualidade de sua pergunta é:

Formule uma pergunta introdutória, teste esta pergunta junto às pessoas que o rodeiam de modo a assegurar-se que ela é clara e precisa e, portanto, compreendida da mesma forma por todas. Verifique se ela possui igualmente as outras qualidades acima recordadas. Reformule-a, caso não seja satisfatória, e recomece o processo.

Progressivamente, à medida que os conhecimentos vão se ampliando em função das leituras efetuadas na revisão de literatura pertinente, o investigador começará a perceber o complexo de variáveis que estão presentes no tema de pesquisa que escolheu e, então, começará a decidir com quais questões essenciais irá trabalhar.

Exemplos de Pergunta

- O nível de escolaridade das educadoras infantis pode influenciar na sua atuação diante dos problemas de saúde das crianças?
- Um protocolo de orientação ao paciente hipertenso melhora sua compreensão sobre o tratamento?
- A compreensão de hipertensos sobre o tratamento amplia a adesão a este?
- Qual a participação dos homens (futuros pais) no processo de gestação e nascimento de seus filhos?

A escolha do tema é a primeira decisão, mas deixa o campo de investigação muito amplo e muito vago. Há a necessidade de se estabelecer os limites de abrangência do estudo a ser efetuado. Isso só é possível quando se delimita com precisão o **problema**, pois ele focaliza o que vai ser investigado dentro do tema.



Palavra do profissional

Lembre-se de que uma pergunta adequada (ao tema) é aquela que indica os possíveis caminhos que devem ser seguidos pelo investigador. Para isso, no entanto, é necessário que o investigador elimine a incógnita introduzindo no seu lugar alguma outra variável que a substitua. Essa tarefa requer o uso de duas competências por parte do pesquisador: da imaginação criativa e do conhecimento disponível.

O pesquisador deve, à luz do conhecimento disponível, conjetar sobre os possíveis fatores que podem relacionar-se com a variável em estudo.

Toda pesquisa, análise ou estudo, tem como ponto de partida uma situação percebida como problemática, ou seja, que causa desconforto e que, em consequência, exige uma explicação. Esta situação problemática surge quando há defasagem entre a concepção ou explicação de um fenômeno e a observação ou a percepção da realidade. É desta defasagem que se origina o objeto da pesquisa.



Palavra do profissional

Uma boa questão de pesquisa começa com: O que? Por que? Onde? Como? De que maneira? Qual (is)? Em que condições?

A delimitação do problema define, então, os limites da dúvida, explicitando quais variáveis estão envolvidas na investigação e como elas se relacionam. O problema delimitado é uma pergunta adequada, que contém as possíveis relações de uma possível resposta.

O planejamento da sequência da pesquisa é feito para testar se as relações propostas são ou não pertinentes, tornando-se, pois, impossível planejar observações ou testes sem que o problema e suas variáveis estejam delimitados.

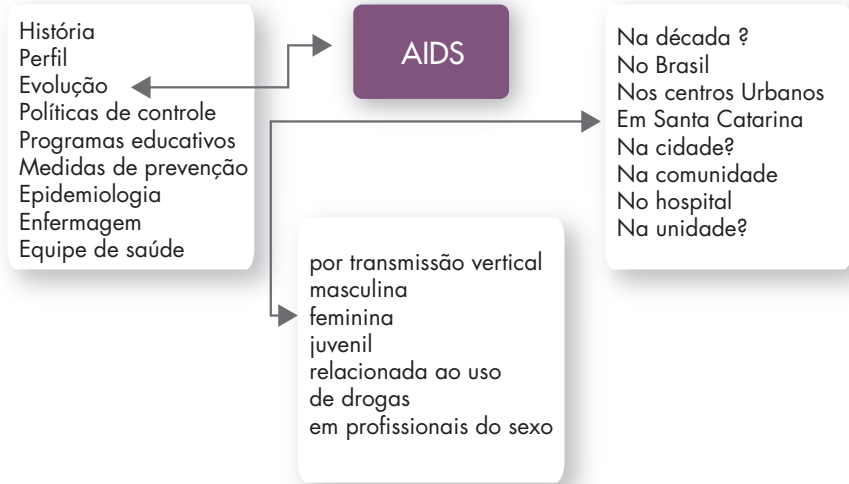
O problema é, portanto, um enunciado interrogativo que questiona sobre a possível relação que possa haver entre (no mínimo) duas variáveis, pertinentes ao objeto de estudo investigado e passível de testagem ou observação empírica.

Para se chegar ao enunciado do **problema** deve-se **antes** defini-lo, especificando:

- Área ou o campo de observação.
- As unidades de observação. Deixando claro quem ou o que deverá ser seu objeto de observação, quais características o local e o período em que será feita a observação.
- As variáveis principais. Devem ser apresentadas as variáveis que serão estudadas, mostrando que aspectos ou que fatores mensuráveis serão analisados, com a respectiva definição empírica. A definição empírica das variáveis é feita a partir das contribuições teóricas obtidas pela revisão da literatura.

As definições empíricas são convenções que a ciência procura utilizar uniformemente para poder proporcionar a crítica universal e intersubjetiva. É importante, portanto, fundamentar as definições da literatura existente.

Figura 1: Exemplo de delimitação do problema



Imagine diferentes direcionamentos e cruzamentos entre estas possibilidades. Colocamos apenas um exemplo seguindo as setas que ligam os termos e ideias apresentados. Neste exemplo, temos: “A evolução da Aids feminina em Santa Catarina”.

O **problema** deve reunir, ao menos, os quatro elementos a seguir para tornar-se objeto de investigação:

1. Ser susceptível de observação ou de medição.
2. Requerer uma resposta ou solução.
3. Contribuir para a generalização de novos conhecimentos e/ou tecnologias.
4. Ter uma utilização prática.

Para finalizar este tópico (o que pesquisar), vamos ver o que alguns autores dizem sobre essa etapa:

A pesquisa tentará resolver a discordância entre um modelo, uma teoria, uma explicação e a realidade percebida. Ela visa, a partir de uma investigação empírica sistemática, dar uma “resposta”, uma solução satisfatória ao problema. Um objeto de pesquisa é assim uma interrogação explícita em relação a um problema a ser examinado e analisado com o fim de obter novas informações (DENZIN, LINCOLN, 2006; POLIT, 2011; TURATO, 2003).

Formular o problema consiste em dizer, de maneira explícita, clara, compreensível e operacional, qual a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características. Desta forma, o objetivo da formulação do problema da pesquisa é torná-lo individualizado, específico, inconfundível. (RUDIO, 1986, p.75).

2.3 Objetivos do estudo - para que pesquisar?

Vamos ver agora como elaborar os **objetivos**:

O claro estabelecimento dos objetivos em pesquisa é imprescindível ao processo de aquisição de conhecimentos sistematizados e seguros. A importância dos objetivos na estrutura do trabalho científico é justificada pela sua função.

Os objetivos delimitam a pretensão do alcance da investigação, o que se propõe fazer, que aspectos pretende-se analisar. Os objetivos complementam e concluem a delimitação do problema, dando-lhe terminalidade (o que será obtido).

A descrição do objetivo indica a forma, o contexto e os meios de intervenção do pesquisador.

Os objetivos são os indicadores do que se pretende alcançar com a pesquisa. Eles podem esclarecer a natureza do trabalho, o tipo de problema para o qual se busca uma solução ou a reposta e o material a ser coletado.

Classificação de objetivos

Os objetivos se dividem em **gerais** e **específicos**.

Os primeiros objetivos indicam a direção sem possibilitar a partida para a investigação propriamente dita, pois carecem de redefinição, esclarecimento e delimitação.

Os objetivos específicos têm como função esclarecer o que será obtido. Enquanto os objetivos gerais são descritos de forma mais ou menos ampla, os específicos apresentam, numa pesquisa, características observáveis e mensuráveis.

Cada objetivo deve ser redigido de forma clara, compreensível quanto ao que deseja realizar. Deve indicar uma ação que será realizada através do método a ser utilizado.

Também podem ser classificados de acordo com o nível de ação, conforme Polit (2004):

Quadro 1: Níveis de ação e tipos de verbos utilizados

NÍVEIS	VERBOS
Compreensão	Descrever, delinear, detectar, examinar, identificar
Aplicação	Caracterizar, traçar, determinar, testar, treinar, diagnosticar, quantificar
Análise	Analisar, classificar, comparar, confrontar
Síntese	Criar, propor
Avaliação	Avaliar, medir, validar

Outra utilidade dos objetivos específicos é detalhar e decompor o objetivo geral em diversas ações intermediárias ou parciais para alcançar o propósito final, emprestando-lhe maior operacionalidade, sendo também chamados de objetivos operacionais.

Se uma pesquisa se propõe a conhecer ou a descrever determinado fenômeno ou situação, por exemplo, certamente terá que explicitar, em seus objetivos específicos, que componentes serão considerados nesta descrição ou que relevâncias ou perspectivas serão eleitas.



Palavra do profissional

Lembra-se das perguntas de pesquisa que usamos como exemplo? Vamos retomar algumas delas, agora, para formular objetivos?

PERGUNTAS	OBJETIVOS
Quais os conhecimentos das mães do território X sobre vacinação?	Identificar os conhecimentos das mães do território X sobre vacinação
Quais as principais dificuldades da equipe da Unidade Y para efetivar o planejamento local em saúde?	Descrever as principais dificuldades da equipe da Unidade Y para efetivar o planejamento local em saúde
Como os usuários avaliam o cuidado / atenção oferecida pelo serviço Z?	Conhecer a avaliação dos usuários acerca do cuidado/atenção oferecida pelo serviço Z

2.4 A revisão de literatura

Você deve estar se perguntando por que não falamos mais sobre a revisão de literatura no tópico anterior, se sua importância foi destacada desde a etapa de delimitação do problema. Na verdade, temos que esclarecer algo muito importante. A revisão de literatura não pode ser limitada a uma única etapa da pesquisa e jamais se encerra no momento em que o projeto está pronto. Ela é a mais contínua atividade do pesquisador, pois permeia e se renova em todas as etapas.

Para que haja clareza na delimitação do problema é necessário que o investigador tenha conhecimento. Ninguém investiga o que não conhece. E a forma mais fecunda para se obter conhecimento é através da revisão da literatura pertinente ao tema que se propõe investigar.

A revisão de literatura começa na fase exploratória do estudo, desde a elaboração do projeto, apoiando a delimitação do problema (o que pesquisar), a justificativa da pertinência do estudo (por que pesquisar) e a escolha e elaboração do referencial teórico, mas ainda continua até a apresentação dos resultados.

Afinal, os achados devem ser cotejados com os de outros estudos e as interpretações devem ser sustentados com base no conhecimento produzido, a fim de ampliá-lo, refutá-lo ou de propor novas perspectivas.

O objetivo da revisão da literatura é aumentar o acervo de informações e de conhecimentos do investigador com as contribuições teóricas já produzidas pela ciência para que, sustentando-se em alicerces mais sólidos, possa tratar o seu objeto de investigação de forma mais segura.

A revisão de literatura qualifica e capacita o investigador, fornecendo-lhe a base teórica disponível na ciência para que possa perceber, à luz das teorias, os diferentes aspectos presentes no problema investigado.

A ciência é uma renovação, uma correlação, um aperfeiçoamento, uma construção crítica e histórica constante do conhecimento. Ela deve conter os resultados de pesquisas anteriores, explicação e definição dos construtos constantes nas variáveis que fazem parte do problema.

Durante a revisão de literatura deve-se executar o registro das ideias em fichas, construindo a própria **documentação** bibliográfica. O objetivo é acumular e organizar as ideias relevantes já produzidas na ciência, registrando-as de forma sistemática, para uso posterior.

Concluída a documentação, inicia-se a fase da avaliação e **crítica**. Neste momento, o investigador avalia e discute os pontos positivos e negativos das teorias analisadas, relacionando-as umas com as outras.

Apesar de sua importância, infelizmente muitas vezes a **revisão de literatura** é negligenciada, feita com descuido ou de forma a fugir de suas finalidades.

Vejamos alguns dos problemas mais frequentes e sugestões para evitá-los, de acordo com as ideias de Quivy (1995):

Gula livresca

Consiste em “encher a cabeça” com uma quantidade de livros, artigos, dados numéricos, esperando encontrar aí a resposta às nossas angústias, às questões que tentamos responder, os objetivos do trabalho e o tema.

Esta atitude conduz ao desalento, porque são tantas informações mal integradas que nos perdemos no caminho.

Ex: xerox de tudo o que encontra na frente, compra de livros pelo título.



Palavra do profissional

Ler em profundidade os poucos textos cuidadosamente escolhidos. Refletir sobre o que procura e compreender a melhor forma de pesquisar. Buscar e selecionar na biblioteca as temáticas mais significativas para ler.

Ignorar as hipóteses

Significa começar a coletar dados antes de formular as hipóteses de investigação; preocupar-se com a escolha e aplicação prática das técnicas de coleta de dados antes mesmo de saber exatamente aquilo que se procura e, portanto, para que irão servir.

Só é possível escolher uma técnica de pesquisa quando se tem uma ideia da natureza dos dados a coletar, o que implica que se comece por definir bem o **projeto**.

Ex: começar a pesquisa pelo instrumento de coleta de dados.

A ênfase que obscurece

São aquelas pessoas que para assegurarem a sua credibilidade julgam ser útil expressarem-se de forma pomposa e ininteligível e que, na maior parte das vezes, não conseguem evitar raciocinar da mesma maneira.

Duas características dominam os seus projetos de investigação: **a ambição desmedida e a mais completa confusão**.

Uma característica essencial da boa investigação é a **autenticidade** e esta é **simples e clara**. Não pode ser confusa ou obscurecida pelas palavras de quem a elaborou.



Palavra do profissional

Refleta sobre o que você leu e algo que escreveu e diga honestamente, a si mesmo, se o texto pode ser compreendido claramente, se não contém expressões imitadas ou desnecessárias, declarações pouco fundadas ou pouco ponderadas.

Uma caricatura de “tipos inesquecíveis” de revisão bibliográfica é usada como recurso didático por Alves-Mazzotti (2002) para alertar sobre modelos a **não** serem seguidos, mas evitados a todo custo. Vamos ver alguns desses tipos descritos no tom bem-humorado da autora?

- **Summa** ou “do universo de outros assuntos: quando se sucumbe ao fascínio e à ilusão de “esgotar o assunto”, ampliando excessivamente o tema, perdendo o foco e ramificações.
- **Patchwork**: uma verdadeira colcha de retalhos (autores, conceitos e afirmações) sem fio condutor, como num labirinto, sem elaboração comparativa, sistematização ou crítica.
- **Suspense**: há um roteiro, mas pontos da trama permanecem obscuros até o final; indícios parecem levar a uma direção, mas o foco muda sem mostrar aonde se quer chegar.
- **Rococó**: conceituações teóricas rebuscadas e “elementos figurativos” buscam emprestar requinte, mas só atrapalham o que realmente importa.
- **Apêndice inútil**: após apresentar o capítulo de revisão, o autor “recusa-se a voltar ao assunto” e nada do que foi sistematizado é utilizado na interpretação ou qualquer outra parte do estudo.
- **Cronista social**: preocupa-se mais em citar quem está na moda e “autores curinga” do que quem realmente pode contribuir para o tema.
- **Off the records**: casos em que o autor garante o anonimato às suas fontes, usando expressões vagas, como “sabe-se”, “diversos autores”, negando o crédito a quem merece.
- **Ventríloquo**: quando o autor só fala pela boca dos outros, tornando a revisão uma sucessão monótona de citações e paráfrases.

Após termos examinado alguns deslizos que podem ocorrer, vejamos agora como é possível assegurar um bom começo.

Um bom começo deve ser planejado a fim de evitar desperdício de tempo e energia dando mais satisfação e assegurando bons frutos. Como fazer isso? Quivy (1995) recomenda alguns passos práticos. Vamos a eles?

A leitura

Visa assegurar a qualidade da problematização.

Quando um investigador inicia um trabalho, é pouco provável que o assunto tratado nunca tenha sido abordado por outra pessoa, pelo menos em parte ou de forma indireta. É indispensável tomar conhecimento de um mínimo de trabalhos de referência sobre o mesmo tema ou de modo mais geral sobre problemáticas que lhe estão ligadas.

A escolha e organização das leituras

Os critérios de escolha

1. Começar pela pergunta introdutória. Por isso, é importante ter uma boa pergunta introdutória. É o fio condutor inicial, mesmo que depois ela se amplie ou se modifique.
2. Selecionar as leituras. É preferível ler de modo aprofundado e crítico alguns textos bem escolhidos a ler superficialmente milhares de páginas.
3. Na medida do possível, procurar documentos cujos autores não se limitem a apresentar dados, mas incluam também elementos de análise e de interpretação.
4. São textos que levam a refletir e que não se apresentam simplesmente como insípidas descrições pretensamente objetivas do fenômeno estudado. São textos que estimulam a reflexão crítica.
5. Ter o cuidado de escolher textos com abordagens diversificadas do fenômeno estudado. A preocupação de abordar o objeto de estudo de um ponto de vista esclarecedor implica que se possam confrontar perspectivas diferentes.
6. Em intervalos regulares, ter períodos de tempo consagrados à reflexão pessoal e às trocas de pontos de vista com colegas ou com pessoas experientes. Um espírito atulhado nunca é criativo.

Onde encontrar esses textos?

1. Peça conselhos a especialistas que conheçam bem o seu campo de pesquisa. Não negligencie artigos de revista, os dossiês de síntese e as entrevistas de especialistas publicadas na imprensa para o grande público.
2. As publicações de organismos especializados e muitos outros documentos que, não são relatórios científicos em sentido estrito, não deixam de conter elementos de reflexão e informação

3. Revistas especializadas no seu campo de investigação. Dois motivos: 1) conteúdo traz os conhecimentos mais recentes sobre o assunto; 2) publicam comentários bibliográficos sobre as obras mais recentes, graças aos quais poderá fazer uma escolha acertada de leituras
4. As obras sempre contêm as referências bibliográficas utilizadas, o que amplia o número das que devem ser consultadas.
5. Ao ler livros, verificar os índices e sumários antes de ler o livro inteiro, para não se deparar com apenas uma página de interesse.
6. Consulta à biblioteca. Crie oportunidades, faça visitas agradáveis e produtivas à biblioteca, aproveitando-as ao máximo. Para isso, verifique o sistema de consultas, vá munido de palavras-chave, direcione sua busca para o que interessa e, se necessário, peça ajuda à bibliotecária.

Como ler?

O principal objetivo da leitura é retirar dela ideias para o próprio trabalho. Isto implica que o leitor seja capaz de criar as suas próprias, de compreendê-las em profundidade e de articulá-las entre si de forma coerente.

Ler um texto é uma coisa, compreendê-lo e reter o essencial é outra. Sintetizar um texto não é um dom divino, mas uma capacidade que só se adquire com o exercício.

Para ser totalmente rentável, esta aprendizagem precisa ser sustentada por um método de leitura.

Uma das estratégias para organizar e fixar as leituras é utilizar-se de **esquemas, resumos e fichamentos**, que representam formas de documentação. Veja detalhes de cada um destes documentos:

ESQUEMA:

- Reconstrói o eixo lógico de um estudo, destacando as ideias centrais e as relações entre elas, de modo a ordenar visualmente as informações. Pode se utilizar de setas, chaves, caixas e numerações para sintetizar os pontos que identificam o conteúdo

RESUMO:

- Consiste em destacar as suas principais ideias e articulações, de modo a fazer surgir a unidade de pensamento do autor. Graças ao resumo, poderá comparar textos diferentes e salientar suas convergências e as divergências. A elaboração de resumos auxiliará a desenvolver a **síntese** dos textos.

FICHAMENTO:

- É um meio dinâmico de ordenar o conjunto das leituras, torná-las acessíveis e localizáveis, favorecendo o cotejamento de achados e o uso crítico da literatura. Afinal, de que vale o simples acúmulo de leituras se elas não forem facilmente apreciadas e manejadas?
- Existem fichas de obra inteira, fichas textuais ou descritivas, fichas de citação (quando interessa registrar trechos transcritos com exatidão), fichas de resumo ou conteúdo (uma forma de ordenar os resumos numa apresentação gráfica) e fichas temáticas. Enfim, há vários tipos de fichamento e você pode achar o “seu jeito”, mas alguns autores podem lhe dar dicas interessantes.

Você determina o tipo de fichamento de acordo com seu objetivo, muitos exemplos estão disponíveis. Veja um exemplo básico:

<p>Tema ou título: você pode definir o assunto de uma forma escla- recedora para você. Nem sempre coincide com o título do texto ou artigo</p>	<p>Número ou forma de ordenar</p>
<p>Referência bibliográfica: use a ABNT e isso facilitar no momento de referenciar o texto</p>	
<p>Corpo do texto: descrição, resumo de conteúdo, citações lite- rais, de acordo com o tipo de ficha)</p>	<p>Notas: Você pode fazer suas anotações e comentários numa coluna como esta ou no próprio corpo do texto</p>
<p>Localização: onde você pode encontrar o texto. Ex.: em seu acervo pessoal</p>	



Saiba mais

Amplie seus conhecimentos visitando os sites:

<<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met01.htm>>

<<http://www.fichamento.com.br/comofazer.html>>

Chegando ao fim desta Unidade e você é convidado(a) a concluí-la com alguns exercícios e reflexões disponíveis no AVEA da disciplina.

2.5 Resumo

Você chegou ao final da Unidade e já pode perceber que leituras e reflexões serão necessárias para aprofundar seus conhecimentos. Você percebeu a importância de uma clara delimitação do problema para que sua busca por conhecimentos existentes sobre ele possa ser efetiva.

Para compreendermos as principais etapas da pesquisa científica, nós as relacionamos com perguntas-chaves. As três primeiras irão fornecer os elementos para a elaboração do Projeto de TCC, desde a introdução até seus objetivos. Lembra-se? As perguntas são: O que pesquisar? Por que pesquisar? Para que pesquisar? Elas se referem à definição do problema, hipóteses e base teórica; à justificativa; e aos objetivos do estudo. Lembre-se sempre destas perguntas, exercitando e aperfeiçoando as respostas que começou a formular.

Além disso, tenha em mente o que aprendeu sobre a importância e os atributos de uma revisão de literatura, pois este aprendizado e seus frutos lhe acompanharão ao longo de todo seu curso e em outros estudos que empreender.

2.6 Fechamento

Esta unidade foi muito importante para seu momento de estudo. À medida que você se aprofundar em sua opção temática, levará consigo os questionamentos que trarão, pouco a pouco, maior clareza sobre um tema e perguntas de pesquisa.

Portanto, volte sempre a este módulo, para instrumentalizar o “olhar” que irá lançar sobre sua área de prática. Isso é fundamental para todas as decisões que irá tomar, junto ao seu orientador.

Lembre-se também, que os conteúdos aqui trazidos são básicos e devem motivar sua busca pessoal. Procuramos mostrar a importância das etapas iniciais da elaboração de um projeto de pesquisa, pois, a partir delas, as outras etapas poderão ser bem desenvolvidas. Não se pode definir um bom método se não existir uma boa problematização, a escolha de uma abordagem teórica, objetivos claros e pertinentes e, subsidiando tudo isso, uma revisão de literatura que sustente todas as decisões e a própria reflexão do pesquisador.

A elaboração do projeto é importante para que tenha um caminho sem problemas até o resultado final e, para isso, vamos às etapas seguintes desse projeto, na unidade a seguir.

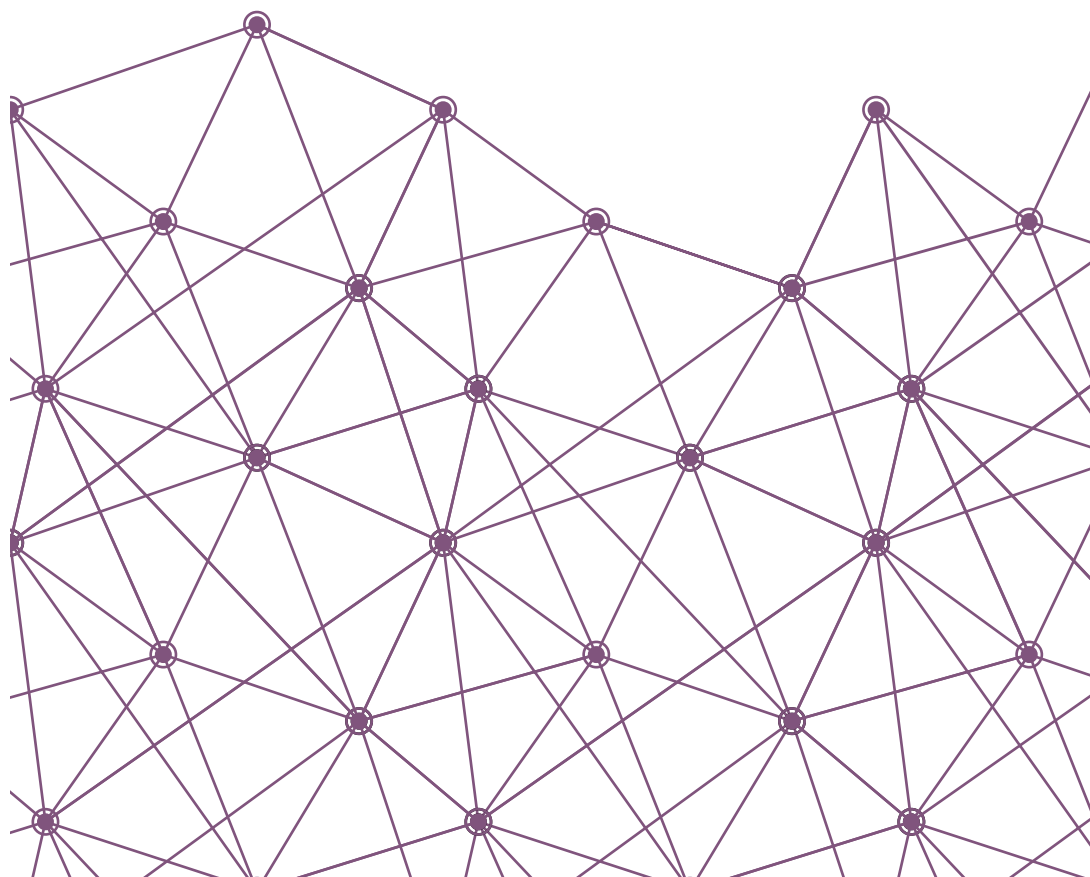
2.7 Recomendação de leitura complementar

Para complementar seus estudos recomendamos as duas fontes a seguir:

BELLO, J. L. P. **Metodologia científica**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/met01.htm>>.

MOREIRA, W. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena, ano 1, n. 1, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/janus/article/viewFile/1/1>>.

UNIDADE 3



Unidade 3 – Metodologia do projeto e relatório de pesquisa

Seu objetivo de aprendizagem nesta unidade é conhecer os elementos que compõem o método em projetos de pesquisas quantitativas ou qualitativas.

3.1 Introdução

Na Unidade anterior você viu como começa a elaboração de um projeto e, para isso, partiu de três perguntas fundamentais:

- O que pesquisar? Por que pesquisar? Para que pesquisar?

Além disso, você já sabe que, após estas definições, chega o momento de responder outra questão muito importante: Como pesquisar?

Sucedem-se outras questões e que se desdobram em mais outras:

- Quando pesquisar? Com que recursos? Quem irá pesquisar?

Bem, o momento que iremos discutir agora é aquele que vai constituir um capítulo especial de um projeto ou de um relatório de pesquisa – O método.

Como vimos:

- O método fornece o mapeamento do caminho a ser seguido durante a investigação. Mas ele não é importante apenas na fase do projeto. Mesmo depois de concluída a investigação o pesquisador precisa esclarecer aos leitores e consumidores sobre as decisões e procedimentos tomados, permitindo o avanço do conhecimento em novos estudos.

Assim, a apresentação do método é um dos elementos essenciais de um projeto de pesquisa:

- Evita imprevistos;
- Esclarece os rumos do estudo;
- Descreve o processo da pesquisa à comunidade científica, expondo-o à crítica.

Para avançarmos nas principais **etapas da pesquisa científica**, continuaremos a relacioná-las com as perguntas-chave já destacadas. Mas, antes disso, precisamos discutir várias características e diferenças entre métodos.

3.2 A Metodologia – abordagem qualitativa e quantitativa

Na metodologia define-se a forma como a pesquisa irá se desenvolver, ou seja, o método que será utilizado para encontrar a solução do problema. Os principais métodos utilizados em pesquisa científica podem ser agrupados em duas abordagens: **quantitativa** e a **qualitativa**. Veja, na sequência, detalhes de cada uma destas abordagens.

3.2.1 Método quantitativo

É fundamentado no positivismo, com base nos pensamentos de Comte, Newton e Locke, que pressupõem que a realidade pode ser descoberta pelo senso probabilístico. O conhecimento produzido resulta da observação, medição e interpretação da realidade objetiva e, na abordagem de dados a partir de sua expressão (numérica ou quantitativa). Resultando na forma de explicar o problema, confirmando ou refutando uma ou mais hipóteses da pesquisa (respostas ou relações entre variáveis, previamente estabelecidas). Como também está orientado para a busca da magnitude e das causas dos fenômenos, utiliza procedimentos controlados e não valoriza a dimensão subjetiva. Examina as causas e como elas interagem e/ou influenciam os resultados. Sendo uma abordagem dedutiva, a maioria das ideias ou conceitos é reduzida a variáveis, sendo que as relações entre elas são verificadas. A abordagem quantitativa utiliza estratégia sistemática, objetiva e rigorosa para gerar o conhecimento (POLIT, BECK, 2011; SOUZA, DRIESSNACK, MENDES, 2007).



Palavra do profissional

Lembre-se: por dedução ou lógica dedutiva entende-se a forma de estruturar o pensamento que é conduzida do geral para o particular, ou seja, de princípios e leis reconhecidos como verdadeiros para as conclusões de um caso particular. Tais conclusões demonstram as consequências de uma teoria formulada.

3.2.2 Método Qualitativo

A pesquisa qualitativa nasceu da propensão humana em buscar respostas e entendimento sobre as coisas da vida. Os trabalhos de campo têm sua origem desde a Grécia até Marco Polo, com historiadores, viajantes e escritores.

Como método, fundamenta-se em dados coletados nas interações interpessoais, na coparticipação das situações e contextos dos informantes, analisadas a partir das perspectivas e experiências dos sujeitos, e da significação/sentido que estes dão a estas experiências ou a seus próprios atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta. Ao invés de buscar explicações com poder generalizante, procura conhecer o objeto ou fenômeno em suas particularidades, nunca desvinculado de seu contexto real e social.

Os métodos qualitativos envolvem a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Enfatizam mais o processo e não apenas o produto e se preocupam em retratar a perspectiva dos participantes. Neste tipo de pesquisa é privilegiada a lógica ou raciocínio indutivo.



Palavra do profissional

Lembre-se: por indução ou lógica indutiva entende-se a forma de estruturar o pensamento que é conduzida do particular para o geral, ou seja, dos conhecimentos que emergem por meio dos sentidos (observação despojada de preconceitos) para formular categorias e daí chegar a conclusões gerais, como uma teoria.

Veja agora, uma síntese das **características comuns à maioria das pesquisas qualitativas**, segundo Miles e Huberman (1994):

- Pesquisa qualitativa é conduzida através de um intenso ou prolongado contato com o campo ou a situação de vida. Estas situações são tipicamente “banais” ou normais, reflexos da vida diária dos indivíduos, grupos, sociedades, e organizações.
- A principal meta é explicar a maneira como as pessoas em contextos particulares chegam a entender, considerar, atuar ou administrar as suas situações cotidianas.
- O papel do pesquisador é de adquirir uma visão holística (sistêmica, integrada, “engajada”) do contexto sob estudo: sua lógica, seus arranjos, suas regras implícitas e explícitas.
- As tentativas do pesquisador em capturar dados sobre a percepção dos atores locais se dão através de um processo de profunda atenção, de compreensão empática e de suspensão ou quebra de preconceitos sobre os tópicos em discussão.
- Muitas interpretações dos dados qualitativos são possíveis, mas algumas são mais convincentes por motivos teóricos ou por fundamentação com consistência interna.
- Relativamente pouca instrumentalização padronizada é usada no princípio. O pesquisador é essencialmente o principal instrumento de avaliação no estudo.
- A linguagem é valorizada. As palavras são objetos de análise e podem ser categorizadas (reunidas, reagrupadas, quebradas em segmentos de sentido), de modo a contrastar, interpretar e conceber modelos.

3.2.3 Diferenças entre os métodos

Haguette (1987) mostra algumas diferenças entre os métodos:

- Uma das características da pesquisa quantitativa é a padronização ou estandardização dos procedimentos de coleta de dados, ao contrário da qualitativa. Na quantitativa comparam-se dados, na qualitativa preocupa-se mais em descobrir rumos novos que podem inclusive redirecionar a linha de investigação.
- A pesquisa qualitativa valoriza o tipo de interação estabelecido entre pesquisador e informantes, onde o primeiro tem necessidade de ser aceito pelo grupo, de gozar da confiança de seus membros.

Estas características geram dois tipos de limitações das pesquisas qualitativas:

- Os dados coletados geralmente não são úteis para tratamentos estatísticos. Na pesquisa quantitativa é necessária uma definição operacional das variáveis e uma especificação das relações entre elas, o que nem sempre acontece na pesquisa qualitativa.
- O tipo de relacionamento que o pesquisador estabelece em campo leva a possibilidade maior de viés. O pesquisador corre o risco de obter informações errôneas nos seus primeiros contatos no campo e de orientar seus questionamentos de forma enviesada.

Por outro lado, há vantagens em um e outro método. Por exemplo: na pesquisa qualitativa o pesquisador não está preso a pré-julgamentos, uma vez que tem a possibilidade de reformular o problema ao longo do tempo. Já na pesquisa quantitativa, os pressupostos já são previamente definidos e o pesquisador não os muda.

Sinteticamente, rerepresentamos estes aspectos organizados no quadro a seguir:

	QUANTITATIVO	QUALITATIVO
MODELO DE PENSAMENTO	Explicativo, dedutivo ou nomológico causal (predição de leis e regularidades).	Compreensivo.
COLETA DE DADOS	Reflete os estudos dos atributos do homem, em termos mensuráveis.	Reflete o estudo das experiências vividas do homem, em termos não-mensuráveis.
ANÁLISE DE DADOS	Medidas fisiológicas, psicológicas e sociológicas (formulário, questionário, entrevista estruturada e experimentação).	Observação participante e não participante, entrevistas semiestruturadas ou não estruturadas, dinâmicas de grupos, história de vida, diário de campo.
	O pesquisador não interfere na pesquisa (geralmente); analisa dados por comparações numéricas, inferências estatísticas (usa tabelas, quadros, gráficos).	O pesquisador participa na descoberta do significado das experiências vividas dos participantes (análise de conteúdo, análise de discurso).

Nas próximas seções desta unidade, apresentaremos detalhes de cada parte que compõe cada um dos métodos.

3.3 Componentes do método - Como pesquisar?

Segundo o entendimento de alguns autores (POLIT, BECK, 2011; TRENTINI, PAIM, 2004), o conjunto de componentes a serem descritos no método depende do objeto e do tipo de pesquisa:

- Bibliográfica;
- Quantitativa - experimental, quase experimental e não experimental (descritiva, caso controle, corte transversal, coorte);
- Qualitativa - descritiva, estudo de caso, pesquisa documental, convergente assistencial, entre outros exemplos.

Importante é observar que, em qualquer desenho de pesquisa, é necessário que o método descreva: o local em que será realizada; a população e a amostra; os sujeitos que serão incluídos e excluídos; quando e como serão coletados os dados (esclarecendo sobre os instrumentos a serem utilizados); e como os dados serão analisados.

Veja a seguir as especificidades necessárias a estes aspectos:

Local

Nas pesquisas de campo é necessário descrever o **local**, apresentando características da comunidade ou da instituição para a compreensão do contexto em que o estudo será desenvolvido. Em algumas situações, há necessidade manter certo sigilo sobre essas informações.

Sujeitos/participantes

Definir os sujeitos que participarão da pesquisa, explicitando claramente os que se ajustam à questão de pesquisa, por meio dos critérios de inclusão e exclusão. Esses critérios permitem homogeneizar a amostra para que seja o mais apropriada possível para o estudo que se pretende fazer. O objetivo é evitar que sejam incluídos sujeitos com características que gerem “confusão” nos resultados (HARDY, 2002).

- **Critério de inclusão:** característica compartilhada por todos os sujeitos a serem estudados. Exemplo: primíparas, com gestação única, em trabalho de parto.
- **Critério de exclusão:** característica ou circunstância que impede a inclusão do sujeito no estudo, apesar de cumprir os critérios de inclusão. Exemplo: doença coronariana, feto com malformação congênita, feto com peso estimado > 4.000 gramas.

Atenção: o fato de o sujeito não aceitar participar da pesquisa não é critério de exclusão – é um aspecto ético.

População e amostra na abordagem quantitativa

A população (N) é um conjunto completo de indivíduos ou objetos/registros com características definidoras (clínicas, sociodemográficas, temporais ou históricas) que se ajustam à questão de pesquisa. A amostra (n) é um subconjunto da população disponível (acessível) para o estudo. Coletar dados de uma amostra é mais prático e menos dispendioso, mas deve-se assegurar de que ela é representativa da população (POLIT; BECK, 2011).

Na pesquisa quantitativa por amostragem, observam-se alguns elementos da população de estudo. Ou seja, uma amostra deve ser representativa, já que os dados observados na amostra devem ser descritos e inferidos para a população de estudo (HARDY, 2002; POLIT, BECK, 2011).

A amostra é representativa quando contém informações suficientes e válidas sobre a população de estudo. A representatividade envolve dois aspectos: o tamanho da amostra e a similaridade de características com a população em estudo.

Exemplo: população: mulheres submetidas a reposição hormonal que são acompanhadas nas Unidades Locais de Saúde de Florianópolis; amostra: número calculado de mulheres que representam essa população.

Neste tipo de abordagem, há vários **tipos de amostragem**:

Na **amostragem probabilística**, utiliza-se mecanismos aleatórios de seleção dos indivíduos da amostra (GIL, 1999; HULLEY et al., 2003):

- **Aleatória simples:** todos os indivíduos da população têm iguais chances de serem escolhidos. Atribui-se a cada elemento da população um número e depois seleciona-se alguns de forma aleatória.
- **Aleatória estratificada:** divide a população em subgrupos de acordo com algumas características como sexo ou raça e seleciona de forma aleatória alguns indivíduos de cada um desses “estratos”.
- **Por conglomerados:** é uma amostra de agrupamentos naturais de indivíduos (conglomerados) na população, sendo útil quando se torna impraticável listar e amostrar todos os elementos. Exemplo: amostra de bairros de uma cidade e seleciona-se uma subamostra de cada um deles.
- **Aleatória sistemática:** é uma variação da aleatória simples. A população é ordenada de modo que cada elemento é identificado pela sua posição. Exemplo: números ímpares, a cada intervalo de 2 ou 3.

Na **amostragem não probabilística**, a seleção não é aleatória (GIL, 1999; HULLEY et al., 2003):

- **Por conveniência:** o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que possam de alguma forma representar o universo.
- **Intencional:** consiste em selecionar um subgrupo da população que o pesquisador considera representativo da população.
- **Por voluntários:** quando as razões éticas exigem rigor quanto à concordância dos sujeitos escolhidos (exemplo: pesquisa experimental de medicamentos).
- **Por cotas:** consiste em preencher cotas para certas categorias de indivíduos, de acordo com a acessibilidade. Exemplo: amostra de 30 mulheres – 15 com idade até 18 e 15 com idade maior do que 18.

População e amostra na abordagem qualitativa

A maioria das pesquisas qualitativas usa amostras pequenas e não representativas da população, pois não se pretende que os resultados sejam generalizados. A amostragem é selecionada de maneira intencional, sendo que os pesquisadores buscam inserir sujeitos que possam ser uma fonte rica de informações. Assim, a escolha do tamanho do grupo amostral não leva em consideração o tamanho da população, mas sim um grupo específico, evitando-se amostras de probabilidade. No entanto, deve-se também ter o cuidado para não entender que um ou dois respondentes sejam su-

ficientes para revelar o significado daquele grupo específico, mesmo que pequeno (POLIT; BECK, 2011).

As pesquisas qualitativas geralmente iniciam com uma amostragem por conveniência, proposital ou intencional e por indicação (bola de neve). Com muita frequência utiliza-se a amostragem proposital, pois maximiza a riqueza das informações. O tipo de amostragem é definido de acordo a possibilidade de obter-se informantes que experimentaram o fenômeno estudado. Geralmente não se define previamente o tamanho da amostra, mas ao longo da própria coleta, quando não há necessidade de obter-se outras informações. A saturação de dados norteia a decisão de que o número de participantes é suficiente, ou seja, pouco ou nada de novo aparece, considerando todos os tópicos abordados ou identificados durante a análise contínua dos dados obtidos (POLIT, BECK, 2011; FONTANELLA, RICAS, TURATO, 2008).

Variáveis

Nas pesquisas com abordagem quantitativa, todas as variáveis do estudo devem estar listadas e definidas. As variáveis determinam a maneira pela qual os sujeitos de uma população diferem entre si. Dependendo do desenho do estudo, é necessário classificar as variáveis (dependente, independente ou de controle) ou apenas fazer uma lista delas com as definições (ROUQUAYROL, ALMEIDA FILHO, 2003; HARDY, 2002).

Os principais tipos são:

- **Variáveis qualitativas ou categóricas:** não possuem a mesma natureza, geralmente não mensuráveis. Ex: sexo, local de trabalho, situação conjugal, ocupação e escolaridade. Nas qualitativas nominais, as categorias não apresentam uma relação de ordem entre si (Ex: sexo - masculino ou feminino), enquanto as categorias das qualitativas ordinais apresentam uma relação de ordem entre si (Ex: ensino fundamental, médio e superior).
- **Variáveis quantitativas ou numéricas:** possuem a mesma natureza, podendo ser expressas em termos numéricos. Ex: Idade, temperatura, pressão sanguínea, peso e estatura. Elas podem ser descontínuas ou discretas (números inteiros) ou contínuas (valores fracionários).

Na pesquisa qualitativa não há a exigência de estabelecer-se variáveis. Elas podem ser definidas ou não, pois quase sempre os fenômenos são abordados em sua complexidade e diversas interfaces, em mútuas relações. Isso não significa que se supõe que todas as interfaces poderão ser exploradas em uma única pesquisa. Assim, ao se definir o problema, deve-se explicitar o que (quais aspectos, dimensões ou focos) realmente constituem o objeto daquele estudo. Desse modo, ao invés de variáveis que podem ser isoladas, são apresentadas as dimensões do objeto ou focos eleitos acerca do problema.

A coleta de dados

O período e a forma como os dados serão coletados é uma das etapas mais importantes a serem planejadas. Nas pesquisas de campo, o acesso aos sujeitos do estudo não depende apenas do pesquisador, mas dos trâmites éticos e institucionais, que algumas vezes podem inviabilizar a coleta. Assim, é necessário que o tempo estimado para a realização dessa etapa contemple os possíveis imprevistos.

A definição dos instrumentos a serem utilizados para a coleta de dados depende da abordagem metodológica (quantitativa ou qualitativa) e da fonte: indivíduos, documentos, prontuários, sistemas de informação em saúde, entre outros.

Tipos de instrumentos na abordagem quantitativa

O instrumento é a ferramenta que o investigador usa para coletar e registrar as informações necessárias ao estudo. Nas pesquisas quantitativas, os mais utilizados são: o questionário, aplicado por meio de entrevista ou autorrespondido; o formulário ou ficha para o registro de dados extraídos de documentos e prontuários (CUMMINGS, STEWART, HULLEY, 2003; PÁDUA, 2002).

- **Questionário (autorespondido):** consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em perguntas/itens bem redigidos que serão respondidos por escrito pelo sujeito de pesquisa (PÁDUA, 2002; CUMMINGS, STEWART, HULLEY, 2003).

VANTAGENS:

- meio rápido e menos oneroso para obter as informações;
- aplicável aos mais diversos segmentos da população;
- não exige treinamento do entrevistador;
- dados facilmente tabuláveis e quantificáveis;
- garante anonimato das respostas;
- os sujeitos podem respondê-lo no momento em que julgarem mais conveniente;
- não expõe os sujeitos à influência das opiniões do entrevistador;
- não requerem tempo do pesquisador;
- eficiente para questões simples.

DESVANTAGENS:

- impossibilita a obtenção de dados com maior profundidade;
- exclui os sujeitos que não sabem ler e escrever;
- não há possibilidade de sanar as dúvidas dos sujeitos sobre o preenchimento;
- as circunstâncias em que foi respondido podem influenciar na qualidade das respostas;
- não oferece garantia de que a maioria dos sujeitos o devolva preenchido;
- deve conter poucas perguntas, pois, se for muito extenso, possivelmente não será respondido.

- **Formulário:** contém itens ou perguntas bem redigidas que contemplam os objetivos específicos da pesquisa. Aplicado por meio de entrevista, na qual o entrevistador formula as perguntas previamente elaboradas e anota no instrumento as respostas do entrevistado (PÁDUA, 2002; CUMMINGS, STEWART, HULLEY, 2003).

VANTAGENS:

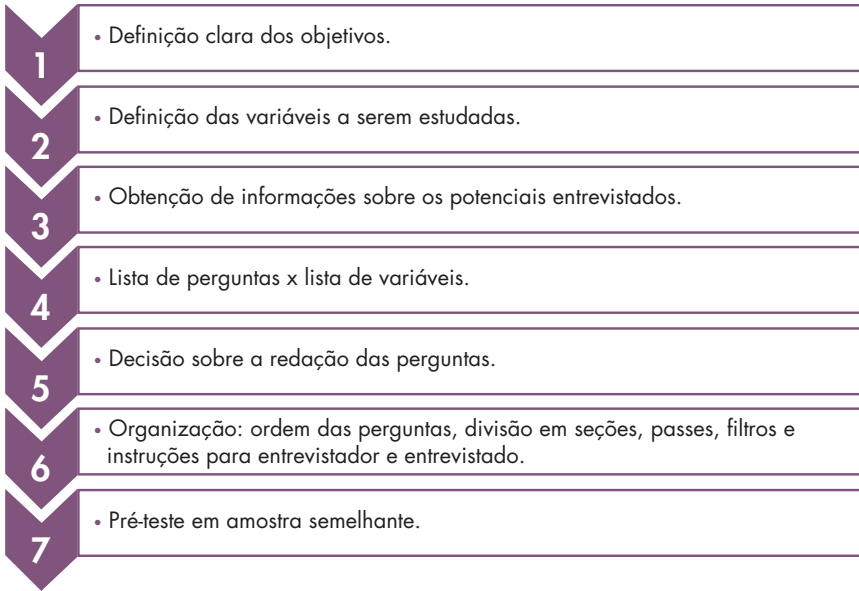
- aplicável aos mais diversos segmentos da população;
- dados facilmente tabuláveis e quantificáveis;
- melhor abordagem para questões complexas que exigem explicação e orientação verbal;
- não exige que o sujeito saiba ler e escrever; asseguram que todas as respostas serão respondidas.

DESVANTAGENS:

- exige treinamento de entrevistador;
- não possibilita obtenção de dados com maior profundidade;
- respostas podem ser influenciadas pela relação do entrevistador x entrevistado;
- os respondentes tendem a dar respostas socialmente aceitáveis;
- existe uma influência pessoal exercida pelo entrevistador sobre o entrevistado;
- a influência de opinião pessoal do entrevistador sobre as respostas do entrevistado;
- consome mais tempo para a aplicação.

- **Ficha de dados:** o pesquisador cria campos para transcrever e anotar os dados já existentes em fichas clínicas, prontuários ou resultados de testes/exames. Os dados são facilmente tabuláveis e quantificáveis, pode exigir treinamento de pessoal e não possibilita a obtenção de dados com maior profundidade (PÁDUA, 2002).

Figura 2: Passos a seguir na elaboração de um instrumento



Fonte: Cummings, Stewart e Hulley (2003) e Pádua (2002)

Tipos de perguntas: existem dois tipos de perguntas, as abertas e as fechadas, veja as especificidades de cada uma:

- **Perguntas Abertas:** mais usadas em instrumentos qualitativos, mas também são úteis na fase exploratória do processo de elaboração das questões; há maior possibilidade de aprofundamento; o processamento e a tabulação requerem métodos qualitativos de codificação e análise e, portanto, exigem mais tempo.
- **Perguntas Fechadas:** facilitam a aplicação, o processamento e a análise, mas direcionam o entrevistado para uma resposta e limitam a expressão de suas ideias. Devem conter alternativas suficientes para abranger as repostas ou incluir a alternativa outra. Ao elaborar esse tipo de pergunta deve-se definir se o entrevistado pode responder apenas uma ou mais de uma opção (múltipla escolha).

QUAIS PERGUNTAS DEVEM SER OU NÃO INCLUÍDAS?

- No início do instrumento, as perguntas mais simples e gerais, finalizando com as mais complexas e pessoais.
- Somente as relacionadas ao tema e para alcançar os objetivos.
- Evitar perguntas cujas respostas podem ser comprometidas pela memória.
- Perguntas formuladas de maneira clara, concreta e precisa.
- Apenas perguntas que contenham um único conceito.
- Quando as perguntas envolvem um acontecimento do passado, usar marcador de tempo.

(CUMMINGS, STEWART, HULLEY, 2003; PÁDUA, 2002)

Organização do instrumento: o instrumento deve ser elaborado de forma que facilite a sua aplicação e a coleta fidedigna dos dados. Para isso, segundo alguns autores (CUMMINGS, STEWART, HULLEY, 2003; PÁDUA, 2002) deve conter alguns elementos básicos como:

- Título;
- Identificação: número;
- Identificação do entrevistado;
- Identificação do entrevistador;
- Data da entrevista;
- Espaço para registro de observações relevantes;
- Seções: agrupar perguntas em grupos temáticos;
- Instruções: são inseridas no próprio questionário, dirigidas ao entrevistador (em coletas realizadas por uma equipe) ou ao entrevistado (autorespondido) e devem ser visíveis para serem lidas com facilidade;
- Filtros: separam os sujeitos em grupos segundo alguma informação (ex: adolescentes fumantes), indicando que a entrevista deve seguir em outro ponto do questionário. O passe/crítica indica em qual pergunta prosseguir, de acordo com a resposta obtida (ex: adolescente fumantes passe para o item 1.4);
- O tamanho de letra deve ser adequado para a leitura e para evitar muitas perguntas numa única página – amontoadas;
- O instrumento deve ter desenho visual atraente, com espaço para suficiente para respostas.

Tipos de instrumentos na abordagem qualitativa

Nas pesquisas qualitativas, são utilizados métodos flexíveis de coleta de dados, que costumam ocorrer de modo interativo, especialmente por meio de observação ou entrevista, que podem ser norteadas por um roteiro flexível, serem gravadas e/ou registradas em um diário de campo (TURATO, 2003; POLIT, BECK, 2011).

Vamos discutir melhor estas duas estratégias de coleta dados.

Observação: tem como característica o fato de o pesquisador ser o principal instrumento. Mas, para produzir bons dados, deve ser atenta, precisa, exata, completa, sucessiva e metódica (LEOPARDI, 2001).

VANTAGENS:

- possibilitar um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno e maior aproximação das perspectivas dos sujeitos recorrer à experiência do pesquisador na compreensão e interpretação do fenômeno e facilitar a descoberta de novas facetas de um problema;
- Ser útil em situações em que é impossível outras formas de comunicação (LUDKE; ANDRÉ, 1988);
- permitir a percepção direta, sem intermediação; (GIL, 1999).

DESVANTAGENS OU RISCOS:

- provocar alterações no ambiente ou comportamento dos observados;
- basear-se, por vezes excessivamente, na interpretação pessoal, podendo levar a distorções e parcialidades, pelo envolvimento do pesquisador.

Existem algumas variações nessa estratégia. Por exemplo: há **observação simples** - não estruturada ou sistemática, informal, espontânea. Que é útil na fase inicial da pesquisa para melhor delimitar problemas e construir hipóteses; e a **observação sistemática** ou estruturada - planejada, dirigida, com bases em categorias e instrumento pré-definido. Tem a vantagem de colher dados mais homogêneos, mas é pouco flexível.

Outro importante tipo de observação é a **observação participante** ou ativa - quando a presença do observador é mantida para fins de colher dados em interação com os sujeitos observados, participando do cenário cultural e das relações que ali se estabelecem. Segundo o grau de participação, a observação se dá num *continuum* que vai desde a imersão total até o distanciamento total: - participante total; - participante como observador; - observador como participante; - observador total

A observação também pode ser combinada, simultaneamente, com a análise documental e com entrevistas. Algumas vezes a observação é utilizada juntamente com as entrevistas como um modo complementar de coleta de dados, no qual são registrados comportamentos e/ou a dinâmica de determinado grupo ou equipe de trabalho. Os registros das observações geralmente são realizados em notas ou diários de campo, mas também podem ser fotografados e filmados (POLIT; BECK, 2011).

Duas questões com relação a essa estratégia devem ser consideradas, a duração e extensão das observações e o conteúdo das observações. Vejamos:

- A duração e extensão das observações podem variar, mas devem levar em conta os objetivos, a dinâmica do local e pessoas observadas, a quantidade de registros e a capacidade de registrar do pesquisador. Períodos de observação muito longos podem levar a perda do foco e das condições do observador de registrar fatos e detalhes relevantes.
- O conteúdo das observações se expressará nos registros, que além de indicarem quando, de que modo, com que duração e recursos auxiliares foram realizados, deve conter:
 - Parte descritiva: sujeitos, locais, eventos especiais, atividades, comportamentos do pesquisador e reconstrução de diálogos.
 - Parte reflexiva: reflexões, teóricas, analíticas e metodológicas, dilemas, conflitos e esclarecimentos.



Palavra do profissional

Normalmente, o registro dos dados é feito em diário e notas de campo, que reúnem dados de observação, teóricos, reflexivos e metodológicos.

Entrevista: é uma técnica baseada na interação (relação intersubjetiva) entre sujeitos com status e papéis diferentes (pesquisador e informante/entrevistado). Segundo Polit e Beck (2011), podem ser estruturadas, semiestruturadas ou ainda não estruturadas, veja os detalhes de cada tipo:

- Entrevistas **estruturadas** nascem de um marco teórico e são dirigidas e focalizadas nas questões pré-definidas.
- Entrevistas **semiestruturadas** são aquelas em que os participantes são estimulados a falar mais livremente sobre tópicos ou questões previamente listados em um guia ou roteiro de tópicos, uma vez que esta pauta precisa ser abordada durante a coleta de dados.
- Entrevistas **não estruturadas** são livres e não diretivas. Usadas quando o pesquisador não possui uma visão preconcebida dos conteúdos a serem reunidos ou não deseja impor uma direção, assim, elaboram uma questão ampla.



Palavra do profissional

As entrevistas podem ser realizadas individualmente ou em grupo (grupo focal). Quando o pesquisador deseja explorar as experiências de vida sobre determinado fenômeno, ele pode utilizar as narrativas das histórias de vida, nas quais o participante descreve a sua experiência oralmente ou por escrito.

Na escolha da estratégia **entrevista** devem ser considerados os **limites metodológicos** deste recurso, vejamos quais são:

- Ligados ao próprio pesquisador (experiência, capacidade de comunicação, habilidades de ouvir, estimular o fluxo, manter a atenção flutuante).
- Ligados ao informante (receptividade, interesse, motivação, experiências anteriores, cooperação e receios).

- Ligados à interação ou situação do momento.
- Ligados ao instrumento (tipos de perguntas, adequação, relevância e flexibilidade).
- Ligados a técnica em si, ou seja, o que se pretende com o uso deste recurso.

Por tudo isso, a preparação de uma entrevista é muito importante, pois o pesquisador deve antever as circunstâncias e conduzir a interação da melhor forma possível.

Análise de dados na abordagem quantitativa

A apresentação dos dados coletados em sua forma original não permite que alguma informação possa ser extraída facilmente. Sem organização prévia, simplificação e síntese de uma grande quantidade de dados não dá para captarmos a existência de um padrão. A primeira etapa do processo é a **análise exploratória**. Os dados podem ser organizados em tabelas, gráficos ou mapas, ou resumidos através do uso de medidas estatísticas, procurando algum padrão ou comportamento relevante que esteja presente no conjunto de dados (FONSECHI-CARVASAN; MORAIS, 2003).

Os procedimentos estatísticos possibilitam organizar, interpretar as informações numéricas, ou seja, transforma os dados coletados em informações estatísticas para serem interpretadas no contexto pesquisado – de modo a responder às perguntas de pesquisa. A seleção dos procedimentos estatísticos depende do desenho da pesquisa e das características dos dados (MARASCIULO; NASSAR, 2002).

As estatísticas são descritivas ou inferenciais. A descritiva sintetiza, descreve os resultados (ex: média e porcentagem) e estima parâmetros. A estatística inferencial permite que sejam feitas inferências sobre a população (ex: associação entre o hábito de fumar e o câncer de pulmão) (POLIT; BECK, 2011).

Nesse componente do projeto ou do relatório, que se refere ao método, é necessário descrever de que forma os dados serão organizados e analisados:

- Indicar o programa computacional que será utilizado para a organização e análise dos dados (ex: SPSS, STATA, Epi Info, planilha de Excel).

- Indicar como será realizada a análise: estatística descritiva (frequência absoluta e relativa) e/ou inferencial (ex: qui-quadrado, teste t de Student, modelos de regressão, entre outros).

Nas pesquisas descritivas, a tabulação de variáveis é geralmente por (LEVIN; FOX, 2004):

- Frequência absoluta simples: quantidade de observações encontradas em uma dada categoria, ou seja, é uma simples contagem. A soma delas é igual ao número total de observações da variável na amostra.
- Frequência percentual/relativa simples: indica o percentual de observações que pertencem a uma dada categoria. A soma de todas as categorias é igual a 100%.

Na análise dos dados quantitativos, deve-se definir quais as medidas de posição ou de tendência central serão adotadas. As medidas de tendência central mais utilizadas são a média e a mediana. Elas visam localizar o centro de um conjunto de dados, isto é, identificar um valor representativo em torno do qual os dados tendem a se agrupar com maior ou menor frequência (LEVIN; FOX, 2004). Veja detalhes de cada uma a seguir:

- A **média** deve ser usada quando os dados possuem uma distribuição normal. Ela pode ser vista como sendo o “centro de gravidade” de um conjunto de dados, mostrando o ponto de equilíbrio das observações (LEVIN; FOX, 2004). Soma-se o número de escores e divide pelo número deles. Exemplo: idades – 15, 20, 22, 24, 26 - Média: 21,4
- A **mediana** é o valor da observação que está posicionada no centro, dividindo o conjunto em duas partes iguais - 50% das observações possuem valores abaixo da mediana e os outros 50% valores acima (LEVIN; FOX, 2004). Exemplo: Idade: 15, 20, 22, 24, 26 - Mediana: 22

Apresentação dos dados na abordagem quantitativa

No caso de estudos quantitativos, os resultados são apresentados em tabelas, gráficos, figuras ou quadros. Por isso, vamos inserir aqui um tópico para lembrar que o processo de tratamento dos dados também usará esses recursos e eles seguem algumas orientações gerais quanto a sua apresentação. O **quadro** tem como finalidade apresentar informações não numéricas, ou seja, somente apresenta palavras. Ao contrário, a **tabela** é uma forma não-discursiva de apresentar informações, das quais o dado numérico se destaca como informação central. Deve ser objetiva e incentivar os leitores a tirar suas conclusões e possibilitar que as diferenças sobre os da-

dos sejam visíveis, os valores numéricos devem ser precisos e contemplar o tamanho amostral. Não deve conter traços internos (BOOTH, COLOMB, WILLIAMS, 2000; HARDY, 2002).

Exemplo:

Tabela 1. Distribuição da frequência da idade por sexo

Número e Título

SEXO DO ENTREVISTADO					
IDADE	MASCULINO		FEMININO		TOTAL
	N	%	N	%	
15-25	10	11,24	30	23,62	40
26-35	12	13,48	10	7,87	22
36-45	5	5,62	10	7,87	15
46-55	15	16,85	25	19,69	40
56-65	23	25,84	30	23,62	53
66-75	24	26,97	22	17,33	46
Total	89	100,00	127	100,00	216

Cabeçalho

Corpo

Para elaborar e apresentar tabelas deve-se considerar alguns princípios, veja a seguir:

- Devem estar completas, para serem entendidas, dispensando consulta ao texto.
- Devem conter somente os dados necessários ao seu entendimento – serem estruturadas de forma simples e objetiva.
- Devem incluir os dados logicamente ordenados.
- Devem ser apresentadas imediatamente após o trecho em que são citadas pela primeira vez.
- Quando ocuparem mais de uma página - a indicação do termo “continua” deve aparecer, no canto direito da tabela abaixo do título. Na página seguinte devem ser repetidos o número, título e cabeçalho da tabela com a indicação do termo “continuação” entre o título e o corpo da tabela, no canto direito e na última parte “conclusão”.
- Devem ser alinhadas de acordo com as margens do texto.

- Preferencialmente devem ser apresentadas no mesmo tipo e tamanho de letras adotados no texto ou reduzidas até um limite que não prejudique a sua leitura. Nunca em tamanho maior do que o texto.
- Não devem repetir os dados já apresentados em gráficos ou figuras.

Análise de dados na abordagem qualitativa

A análise de dados qualitativos é uma tarefa desafiadora e trabalhosa, uma vez que é necessário organizar e dar sentido a uma grande quantidade de materiais narrativos. Quando os dados foram coletados por meio de entrevista gravada, a primeira etapa é realizar a transcrição destas que, posteriormente, devem ser lidas, relidas, organizadas e interpretadas. As transcrições devem ser precisas e refletir a totalidade da experiência entrevista (POLIT; BECK, 2011).

Para Minayo (2004) essa etapa deve superar alguns obstáculos. Lembre-se de que aqui estamos falando do momento de análise propriamente dito, embora no projeto já se deva levar isso em conta. Veja alguns dos possíveis obstáculos que poderá encontrar:

- A “ilusão da transparência” – achar que a compreensão se dá espontaneamente ao observador, especialmente quando se tem a impressão de familiaridade com o objeto.
- Sucumbir à magia dos métodos e das técnicas, esquecendo-se do essencial, que é manter-se fiel aos significados e riqueza dos dados em seu contexto.
- A dificuldade em articular teorias e conceitos (abstratos) com os dados coletados no campo.

Por isso, a autora lembra que toda análise busca atingir três objetivos:

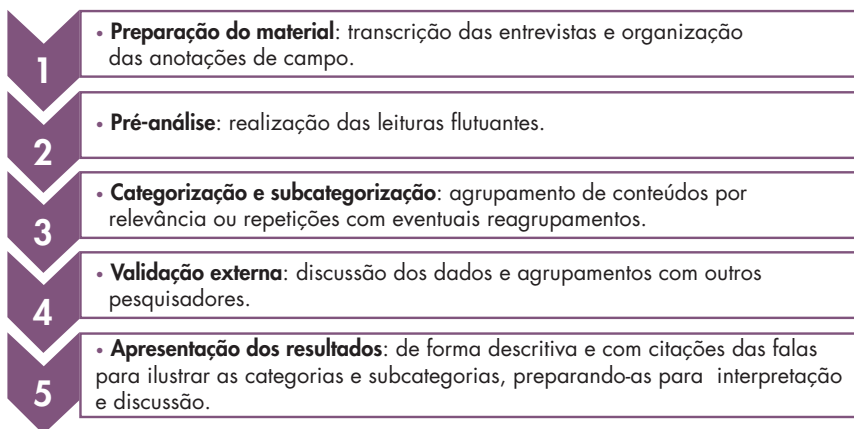
- **Ultrapassagem da incerteza:** o que é percebido na mensagem estará lá realmente contido? A leitura é válida?
- **Enriquecimento da leitura:** ultrapassar o olhar imediato e espontâneo, para atingir a compreensão de significações, a descoberta de conteúdos e dimensões latentes.
- **Integração das descobertas:** ir além da aparência, num quadro de referência com o cenário social no qual os dados se inserem.

Por tudo isso, a organização dos dados é tão importante e utiliza-se um método para classificar os dados, ou seja, um esquema de categorias para

então codificá-los de acordo com elas. Às vezes, pode-se esboçar algumas categorias preliminarmente, mas o mais comum é realizar a definição diante dos dados coletados (POLIT; BECK, 2011).

Em síntese, as fases do tratamento dos dados qualitativos, segundo Turato (2003) compreendem:

Figura 3: Fases do tratamento dos dados qualitativos



Fonte: Turato (2003)

3.4 Quando e com que recursos pesquisar? Quem irá pesquisar? (cronograma, orçamento e equipe)

Nesta seção você conhecerá o modo prático de apresentar o planejamento temporal (cronograma) e financeiro (orçamento) de uma pesquisa, pois ambos, além das condições da própria equipe, são fundamentais para sua exequibilidade.

3.4.1 Quando pesquisar

Um dos segredos para o sucesso no desenvolvimento de uma pesquisa científica é a organização do tempo para cada uma das etapas do processo. A pesquisa deve fazer parte de seu planejamento diário de atividades e deve ser considerada tão importante quanto todas as demais tarefas de sua vida.

Existem várias formas de você organizar seu **cronograma** e, juntamente com seu orientador, pode fazê-lo do melhor modo.

O mais importante é não perder de vista o seu planejamento e se houver alguma intercorrência, adequá-lo imediatamente para não perder o foco e os prazos.

Para ajudar você nessa tarefa, colocamos a seguir um modelo de cronograma que poderá adaptar de acordo com as suas necessidades. Observe que a atividade pode ser acompanhada por semana, mês ou semestre, dependendo do prazo que você tem para o desenvolvimento da pesquisa. No exemplo, colocamos o cronograma com acompanhamento mensal.

Quadro 2: modelo 1 de cronograma de projeto.

ATIVIDADE \ PERÍODO	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO
Elaboração do projeto						
Revisão da literatura						
Coleta de dados						
Análise de dados						
Discussão dos dados						
Conclusão da monografia						
Apresentação da monografia						
Revisão final e entrega						

Outra estratégia de elaboração de **cronograma** é a de colocar uma data específica para finalização de cada uma das atividades e também incluir os encontros com seu orientador, veja o exemplo a seguir:

Quadro 3: modelo 2 de cronograma de projeto.

ATIVIDADE \ PERÍODO	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO
Encontros com o orientador	12	15	20	24	21	
Elaboração do projeto	31					
Revisão da literatura						
Coleta de dados		30				
Análise de dados				15		
Discussão dos dados				31		
Conclusão da monografia					10	
Apresentação da monografia						10
Revisão final e entrega						31

3.4.2 Com que recursos pesquisar?

Outro item importante em uma pesquisa, e que seu planejamento pode ajudá-lo a ter controle maior do desenvolvimento de seu trabalho, é o **orçamento da pesquisa**. Você verá nesta seção alguns detalhes importantes sobre os recursos para este fim.

O orçamento é uma previsão de gastos de tudo o que você vai despende de recursos na pesquisa. Normalmente se trabalha com duas categorias:

GASTOS COM PESSOAL

- Este item deve ser previsto caso você tenha que ter algum tipo de despesa com tradução, digitação, revisão, transcrição de entrevistas, coletadores de dados, etc. Ou seja, tudo o que implica em custos com pessoas que irão desenvolver algum tipo de trabalho para você.

GASTOS COM MATERIAL

- **De consumo:** Nesta categoria inclui-se tudo que é relativo a material de escritório, ou seja, caneta, lapis, borracha, tinta, papel, xerox, passagens, estadia, luz, telefone, etc.
- **Permanente:** Nesta categoria inclui-se tudo relativo a equipamentos e livros. Mais detalhadamente: computador, máquina fotográfica, impressora, moveis, datashow, etc.

3.4.3 Pesquisado por quem? (equipe de trabalho, pesquisadores, coordenadores, orientadores)

Quando falamos de equipe de pesquisa, estamos nos referindo a todas as pessoas que participarão direta ou indiretamente do processo de pesquisar e que de alguma forma irão contribuir para o trabalho final.

Normalmente algumas destas pessoas estão identificadas desde a capa da pesquisa:

Quem são elas então?

- O autor da pesquisa.
- O orientador.
- O coorientador (se houver).
- Outros colaboradores (coletores de dados ou pessoas que irão transcrever os dados). Poderão estar mencionados na metodologia, no item específico de coleta de dados.

- Quando o trabalho final estiver pronto, você também pode incluir outras pessoas que colaboraram com o desenvolvimento da pesquisa nos agradecimentos. Neste caso, nos referimos à família, amigos, colegas de trabalho, secretária, digitadores, colegas de estudo, dentre outros que você ache importante citar.



Compartilhando

Depois de estudar todas estas etapas, você já tem a ideia completa de um projeto de pesquisa. Mas, nem sempre o projeto recebe a importância que ele merece. Quer ver um exemplo? - Quando estamos elaboramos um projeto é comum achar que não precisamos prever o método de análise e quando chegamos nesta fase, pode-se achar que chegamos ao seu final. Como alerta Minayo (2004), podemos estar redondamente enganados. Por quê? Ora, esta etapa depende das anteriores e dados coletados podem se mostrar insuficientes (temos que retomar a coleta), o instrumento utilizado pode não mostrar-se o mais adequado (temos que reformulá-lo). E ainda, se nosso problema de pesquisa/objetivo não estava claro? E, se nossa fundamentação teórica não é pertinente ou suficiente? Ou seja, nesta etapa podem ser exigidos ajustes e aprofundamentos. Por isso, mais uma vez, pense na importância de responder com clareza todas as perguntas que organizam seu projeto. Um bom projeto sustentará com mais segurança sua investigação e, se tudo correu bem, você chega ao momento de apresentar seus dados ou de fazer o relatório da pesquisa.

Outra questão importante e que deve ter o seu cuidado em todos os momentos de uma investigação é a questão ética. Como estes cuidados fazem parte da postura do pesquisador e não se fixam em uma etapa única ou pré-determinada, vamos tratá-los no tópico seguinte.

3.5 Cuidados éticos na pesquisa científica

Não é raro identificarmos em relatórios de pesquisa ou de artigos dela derivados referências que os pesquisadores fazem aos procedimentos que visam garantir a ética do processo de investigação. Mas, se você prestou bastante atenção, já viu que essas informações muitas vezes são protocolos e relativas a poucos aspectos que envolvem a ética. Geralmente limitadas à obtenção do consentimento livre e esclarecido e à aprovação do projeto em Comitê de Ética em Pesquisa. É claro que os autores suprimem detalhamentos porque são forçados pelo limite de tamanho do texto, mas

isso não quer dizer que os cuidados éticos possam ser suprimidos ao longo de todas as decisões e ações da investigação.

De maneira geral, podemos considerar a responsabilidade ética que envolve cada uma das etapas da pesquisa. Veja algumas a seguir:

- **Envolvendo o protocolo, projeto, fins da pesquisa:**

A explicitação dos interesses, motivações, objetivos, caminho a ser percorrido, impactos (necessidade). Só a veracidade abre a possibilidade de crítica e contestação e não devem existir interesses ou procedimentos ocultos.

- **Envolvendo as fontes e uso de recursos:**

Os meios e apoios obtidos para a realização do estudo devem ser explicitados e o pesquisador deve avaliar se o tipo de apoio não está condicionado a interesses e resultados pré-determinados, contrários aos princípios éticos.

- **Envolvendo metodologia:**

O método e técnicas escolhidos, a seleção dos participantes e da amostra, a avaliação criteriosa da efetividade e da necessidade dos procedimentos que os envolvem, a análise e a apresentação dos resultados também exigem rigor, parcimônia, justiça e seriedade.

- **Envolvendo os participantes:**

- A obtenção do consentimento livre e esclarecido sob nenhuma forma de constrangimento ou imposição (pseudovoluntários).
- Situações de vulnerabilidade dos participantes devem ser consideradas, assim como a falta de condições de proteger seus interesses ou explicitar sua vontade (pela idade, condições de saúde, de dependência ou de comprometimento mental, até mesmo extrema necessidade econômica).
- Informar em linguagem acessível e compreensível, adequada aos sujeitos de acordo com suas condições sociais, psicológicas e culturais.
- Assegurar a legitimidade do consentimento, o que exige o conhecimento sobre a pesquisa, as formas de participação, os riscos e benefícios, a opção de revogação do consentimento.
- Preservar direitos, anonimato e sigilo, particularidades dos sujeitos.

- **Envolvendo as relações entre os pares:**

Veracidade, confiabilidade, fidedignidade, reaplicabilidade, respeito à autoria (plágio e apropriação).

- **Envolvendo a divulgação dos resultados:**

Responsabilidade autoral e responsabilidade editorial

- **Envolvendo o pesquisador - responsabilidades e deveres**

- A competência do pesquisador (fazer perguntas relevantes, delinear e conduzir o processo), a sensibilidade, o respeito aos direitos.
- O respeito às normas éticas em pesquisa, como no caso da Resolução 196/96 CNS, Brasil.

Você pode se perguntar: - e se meu estudo é documental ou não envolve diretamente seres humanos. Quer dizer que estas normas não se aplicam? Nada disso. Mesmo que algumas normas ou procedimentos se apliquem apenas para o caso de alguns desenhos de pesquisa, de modo geral isso em nada reduz sua responsabilidade em manter postura ética em todas suas ações como pesquisador.

Vejamos alguns problemas éticos que ameaçam a qualidade e fidedignidade dos trabalhos acadêmicos e científicos. A maioria deles se enquadra no que pode ser definido como fraude.

A fraude

É um engano deliberado e pode ocorrer em várias etapas da pesquisa, desde o planejamento, execução e, principalmente, na sua divulgação. Pode envolver: - autoria indevida, - a não citação de fontes, - a coleta inadequada, o tratamento de dados feito de forma incorreta ou sua falsificação. Por exemplo, é fraude alterar propositadamente os dados de uma pesquisa, sob as formas de: - ajuste (“aparar os dados” ou reduzir irregularidades com o objetivo de aparentar maior precisão que a realmente obtida), - adequação dos dados (“cozinhar dados” ou decidir sobre sua manutenção ou retirada de dados de acordo com a teoria preexistente), - criação de dados (incluir ou forjar dados inexistentes), segundo Godim (2002).

O tipo mais comum de fraude é o **plágio**, ou seja, a apropriação de dados, informações ou textos de outro pesquisador sem atribuir-lhe a autoria. É uma prática condenável, mesmo quando não se trata de obras inteiras, mas de trechos ou frases. Além disso, plágio é crime porque atenta contra os direitos do autor. Atualmente, o meio acadêmico tem aderido a iniciativas de combater o plágio, muito promovido na internet pela indevida utilização das ferramentas “copiar” e “colar”.

Mas, como lembra Godim (2002), existe outra forma de fraude muito comum, a de **autoria indevida**, quando pessoas são incluídas como autores, mas não tiveram nenhuma participação na pesquisa. A autoria se refere à responsabilidade intelectual e, quando é coletiva, significa que os autores são solidariamente responsáveis por aquilo que produziram e divulgaram.



Saiba mais

Se você está pensando em desenvolver uma pesquisa que envolve seres humanos é bom consultar a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e o site da Plataforma Brasil, onde você fará o cadastramento e submissão do seu projeto para avaliação por um comitê de ética em pesquisa.

<<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>>.

Se você acha que não vai precisar, consulte mesmo assim, é muito importante conhecer seu conteúdo. Em seus Fundamentos, a Resolução CNS 196/96 expressa:

Esta Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito 'à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado. (BRASIL, 1996).



Saiba mais

Vá ao site do Conselho Nacional de Saúde, lá você encontrará: A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que está diretamente ligada ao Conselho Nacional de Saúde (CNS). Ela foi criada pela Resolução do CNS 196/96 como uma instância colegiada, de natureza consultiva, educativa e formuladora de diretrizes e estratégias no âmbito do Conselho. Além disso, é independente de influências corporativas e institucionais. Uma das suas características é a composição multi e transdisciplinar, contando com um representante dos usuários. A CONEP tem como principal atribuição o exame dos aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos. Como missão, elabora e atualiza as diretrizes e normas para a proteção dos sujeitos de pesquisa e coordena a rede de Comitês de Ética em Pesquisa das instituições.

<http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html>.

3.6 Resumo

Esta foi uma Unidade bem complexa e com muitas novidades, afinal você realmente já conseguiu cotejar as abordagens ou métodos qualitativos e quantitativos, entendendo algumas especificidades que conduzem o pesquisador por caminhos diversos. Logo você também estará tomando algumas das decisões sobre as quais refletiu e se exercitou, com o apoio de seu orientador. Claro que, mesmo optando por algum tipo de estudo, é muito importante conhecer aspectos gerais de ambos os métodos, daí ser muito bom revisar seus conhecimentos.

Lembre-se que os instrumentos de coleta de dados aqui apresentados não abarcaram todas as possibilidades, mas lhe deram uma ideia dos mais usados, sua importância, sua aplicabilidade e seus limites. Quando você elaborar um instrumento, comece por testá-lo, mesmo que em um grupo de estudo, para assegurar-se de que ele está bem formulado e claro para outras pessoas. E, o mais importante: este aprendizado cresce com a prática e a reflexão, mostrando que a pesquisa pode ser uma atividade muito rica e prazerosa, além de trazer resultados para sua atuação profissional.

3.7 Fechamento

Neste momento você está sendo cada vez mais provocado a articular os conhecimentos do módulo com os exercícios que dizem respeito aos seus interesses de estudo, tendo em vista seu futuro TCC.

Ao chegar ao final do módulo, você já deve ter algumas ideias e planos em mente e esta é uma condição ideal para receber o apoio de seu orientador. Retome as leituras do texto, reflita sobre várias possibilidades e comece a discutir com colegas; enfim, aplique o que aprendeu até aqui naquilo que poderá ser o seu projeto de estudo.

Então, antes dessas decisões, venha conhecer, na última unidade, uma alternativa metodológica que pode lhe interessar.

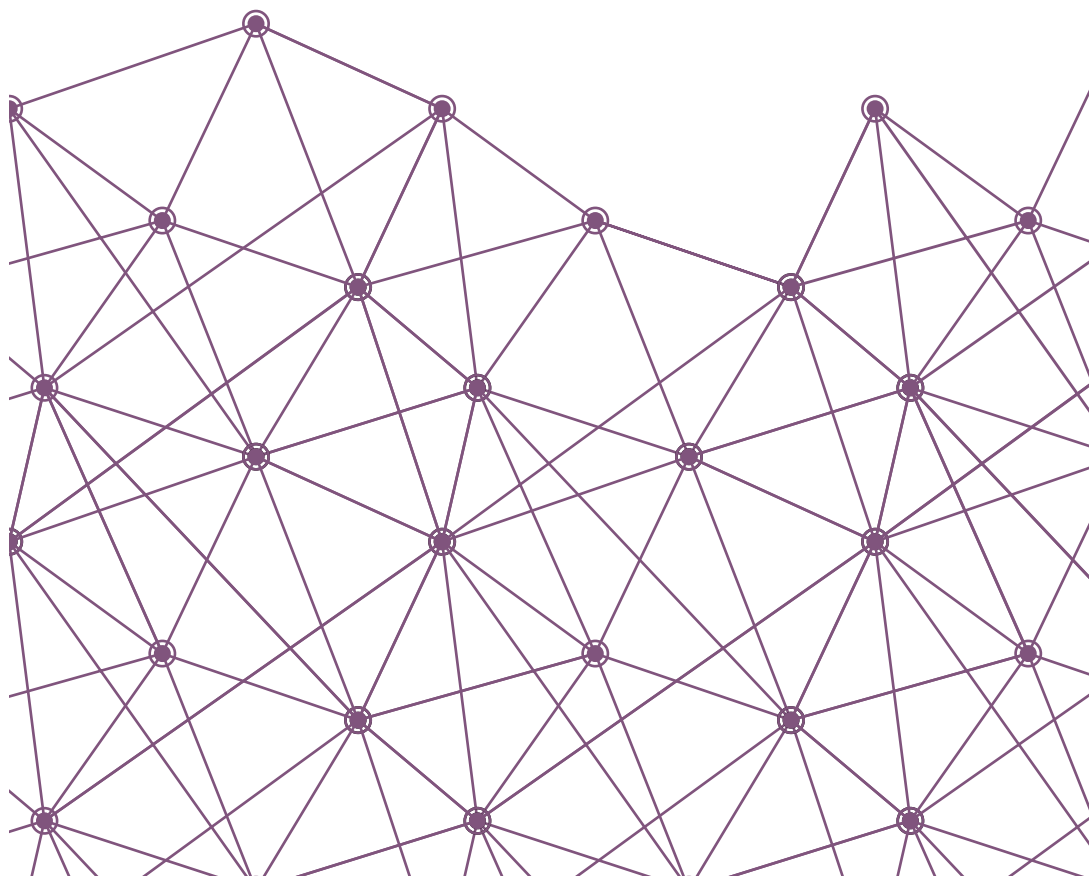
3.8 Recomendação de leitura complementar

Veja exemplos de artigos escritos por enfermeiras sobre a ética em pesquisa:

OHLER, L. Escrevendo para publicação: questões éticas. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 214-216, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/01.pdf>>.

PADILHA, M. I. C. S. et al. A responsabilidade do pesquisador ou sobre o que dizemos acerca da ética em pesquisa. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 96- 105, jan./mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n1/a13v14n1.pdf>>.

UNIDADE 4



Unidade 4 - A pesquisa convergente assistencial

Seu objetivo de aprendizagem nesta unidade é compreender os pressupostos e etapas da Pesquisa Convergente Assistencial (PCA) e sua aplicabilidade para o campo da Enfermagem.

4.1 Introdução

Estamos chegando ao fim deste módulo e, antes que isso aconteça, queremos apresentar a você um tipo especial de método, criado por enfermeiras e muito útil para responder às questões que emergem de sua prática.

Como se trata de uma forma de pesquisar, agora que você já estudou sobre a pesquisa e o projeto de pesquisa em termos mais gerais, pode aproveitar este momento para pensar um pouquinho mais neste tipo de contribuição.

4.2 O que é a pesquisa convergente assistencial

A PCA se constitui uma nova metodologia no âmbito dos estudos participativos. Criada por duas pesquisadoras brasileiras, Dra. Mercedes Trentini e Dra. Lygia Paim, a partir de suas experiências no Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Os pressupostos da PCA foram publicados na primeira edição do livro “Pesquisa em Enfermagem: uma modalidade convergente assistencial” (TRENTINI; PAIM, 1999) o qual foi lançado em 1999 e a segunda edição em 2004 (TRENTINI; PAIM, 2004) com total adesão da comunidade científica a esta proposta metodológica.

A essência da PCA como método de pesquisa obrigatoriamente implica na inserção do pesquisador no campo, participando de alguma forma da prática assistencial e envolvendo-se diretamente com o objeto de investigação. Deve garantir o respeito pela autonomia do processo de pesquisa, mantendo visíveis os princípios do método científico de investigação.

A PCA

está orientada para a resolução ou minimização de problemas na prática ou para a realização de mudanças e/ou introdução de inovações nas práticas de saúde, o que poderá levar a construções teóricas; portanto, a pesquisa convergente é compreendida e realizada em articulação com as ações que envolvem pesquisadores e demais pessoas representativas da situação a ser pesquisada numa relação de cooperação mútua (TRENTINI; PAIM, 2004, p.24).

Por isso, ela se aplica muito bem à proposta deste Curso, que tem como finalidade provocar mudanças na prática de Enfermagem, qualificando os profissionais que nela atuam.

4.3 Pressupostos e etapas da PCA

Você vai conhecer agora os **pressupostos** que regem a PCA, segundo Trenini e Beltrame (2006):

- O contexto da prática assistencial motiva a inovação, alternativas de soluções para minimizar ou solucionar problemas cotidianos em saúde e a renovação das práticas em saúde, o que requer comprometimento dos profissionais em incluir pesquisa nas suas atividades assistenciais unindo o saber pensar ao saber fazer.
- O contexto da prática assistencial é o *locus* de questões abertas a estudos.
- O espaço das relações entre a pesquisa e a assistência vitaliza simultaneamente o trabalho no campo da prática assistencial e no da investigação científica.
- A PCA implica no compromisso de beneficiar o contexto assistencial durante o processo investigativo ao tempo em que se beneficia com o acesso franco às informações procedentes deste contexto.
- O profissional da saúde é potencialmente um pesquisador de questões com as quais lida cotidianamente.

A PCA não tem um método definido que oriente a investigação, permitindo a integração de vários métodos, estratégias e técnicas. A abordagem tem maior identificação com a abordagem qualitativa ao incluir necessariamente variáveis subjetivas e por não se propor a generalizações, pois está voltada para resolver problemas específicos de um determinado grupo social.

Você conhecerá agora as **etapas do processo de investigação**, denominados de concepção, instrumentação, perscrutação, análise e interpretação:

Concepção

Na etapa de concepção é identificado o tema (objeto de pesquisa) a partir da realidade; estabelecido o desmembramento do tema em problemas específicos. Definida a questão de pesquisa e o objetivo e realizada a revisão de literatura sobre o tema escolhido buscando apoio teórico para a pesquisa. Nesta etapa, vale destacar novamente que a questão de pesquisa deve estar associada a algum problema da prática cotidiana e, preferentemente, ser identificada por um grupo de profissionais (TRENTINI; PAIM, 2004). Definida dessa forma, a PCA terá maior possibilidade de alcançar o propósito de solucionar um problema e realizar mudanças de impacto na prática assistencial.

Instrumentação

Na etapa de instrumentação, são tomadas as decisões metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa, envolvendo a escolha de seu espaço físico da pesquisa, definindo os sujeitos da pesquisa (quem), escolhendo a(s) técnica(s) para coleta, organização e registros dos dados. Também é nessa etapa que o pesquisador identifica as questões éticas pertinentes ao estudo (TRENTINI; PAIM, 2004).

Perscrutação

A etapa de perscrutação consiste na obtenção das informações. A entrevista e a observação participante são as técnicas privilegiadas na coleta de informações. No entanto, o pesquisador deverá estar atento à melhor forma de obtenção de dados para dar rigor à investigação científica. O caráter da PCA exige uma forte integração entre o ato de pesquisar e o de assistir, de modo que qualquer estratégia que permita uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisado pode ser utilizada. A coleta de dados caracteriza-se como um momento de forte interseção com a prática assistencial, podendo ocorrer no mesmo espaço e tempo (TRENTINI, PAIM, 2004; TRENTINI, PAIM, 2008).

Análise

A etapa de análise consiste na escolha e aplicação da técnica a ser utilizada para o tratamento das informações coletadas, devendo ocorrer concomitantemente ao processo de coleta dos dados. No processo de análise, tem-se o processo de apreensão, que inicia com a coleta das informações que serão codificadas a partir do tema escolhido e posteriormente, agrupadas em categorias (TRENTINI; PAIM, 2004).

Interpretação

A fase de interpretação envolve os processos de síntese (análise subjetiva dos dados), teorização (interpretação à luz da fundamentação teórico-filosófica) e recontextualização (dar significado aos dados descobertos). O processo de síntese consiste em examinar subjetivamente os dados e realizar associações e variações das informações encontradas na fase de apreensão. O processo de teorização consiste em descobrir os valores contidos nas informações levantadas durante o processo de síntese, fazendo-se a relação da fundamentação teórico-filosófica, utilizada no estudo de maneira a proceder à associação com os dados. Assim, formulam-se novos conceitos, definições e interrelações, constituindo as conclusões do estudo. O processo de recontextualização consiste na possibilidade de dar significado a determinados achados ou descobertas e procurar contextualizá-los em situações similares, ou seja, é a socialização de resultados singulares (TRENTINI; PAIM, 2004).

4.4 Resumo

Nesta unidade você conheceu a PCA como uma alternativa de pesquisa que tem a cara da Enfermagem. Compreendendo suas especificidades, pressupostos e etapas é possível aplicar este método em inúmeros campos da prática assistencial, em serviços e com sujeitos diversos.

Lembre-se dos pressupostos de uma PCA e nos seus interesses como profissional. Pense também no que ela tem de diferente e de semelhante em relação a outros métodos. Esta unidade foi bem sintética, mas deve promover em você novas reflexões e releituras de unidades anteriores.

4.5 Fechamento

Essa não foi uma boa forma de fecharmos nosso módulo? Com a PCA você pode pensar em um modo especial de pesquisar e se inspirar em estudos já desenvolvidas por enfermeiros(as). As sugestões de leituras que apresentamos podem ser ampliadas se você fizer uma busca nas bases de dados, buscando estudos que usaram este tipo de pesquisa. Você deve ter encontrado alguns interesses em comum com colegas que propuseram ou que já utilizaram essa mesma metodologia. Esse interesse pode ser um bom ponto de partida para o futuro planejamento de uma pesquisa que tenha tudo a ver com sua realidade e desejo de contribuir com a prática de Enfermagem.

4.6 Recomendação de leitura complementar

Você pode acessar vários artigos de relatos de pesquisas convergentes assistenciais. Nada como ler e refletir sobre o modo como eles foram desenvolvidos e sua implicação para a prática. Veja alguns exemplos:

GUIMARAES, G. P.; MONTICELLI, M. A formação do apego pais/recém-nascido pré-termo e/ou de baixo peso no método mãe-canguru: uma contribuição da enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 626-635, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n4/a06v16n4.pdf>>.

SEBOLD, L. F.; RADUNZ, V.; CARRARO, T. E. Percepções sobre cuidar de si, promoção da saúde e sobrepeso entre acadêmicos de enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, P. 536-541, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n3/a14v15n3.pdf>>.

ACKER, J. I. B. V.; CARTANA, M. H. F. Construção da participação comunitária para a prevenção de acidentes domésticos infantis. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 62, n. 1, p. 64-70, jan./fev. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n1/10.pdf>>.

BORCK, M.; SANTOS, E. K. A. Terceira etapa método Canguru: convergência de práticas investigativas e cuidado com famílias em atendimento ambulatorial. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p. 761-768, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n4/a21v31n4.pdf>>.

FRANCIONI, F. F.; SILVA, D. G. V. O processo de viver saudável de pessoas com Diabetes Mellitus através de um grupo de convivência. **Texto Contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 16, n. 1, P. 105-111, jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a13v16n1.pdf>>.

GONCALVES, L. H. T.; SCHIER, J. “Grupo aqui e agora” uma tecnologia leve de ação sócio-educativa de enfermagem. **Texto Contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 271-279, abr./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n2/a16v14n2.pdf>>.

Encerramento do módulo

Finalmente você concluiu esta etapa do seu curso e esperamos que tenha sido uma experiência enriquecedora e agradável.

Obrigada por ter aceito nosso convite e ter abraçado o desafio de pesquisar. Para chegar até aqui você leu e refletiu sobre as bases do processo de investigação científica, diferenciou suas etapas, reconheceu alguns instrumentos que ela requer. Em todos estes assuntos, você foi convidado a trazer sua vivência e aplicar os conteúdos em exercícios que buscaram demonstrar a relevância da pesquisa para o trabalho profissional.

Lembra-se que falamos que esta poderia ser uma aventura instigante e, ao mesmo tempo, promissora? E agora? Concorda conosco? Esperamos que sim. Mas caso não tenha encontrado ainda a motivação necessária, não desanime. À seu tempo surgirão idéias que poderão ser concretizadas em um TCC. Conte com a ajuda de tutores e do orientador e o processo de amadurecimento que surge com a leitura aprofundada mostrará muitas possibilidades.

Agora você partirá para um novo módulo. Tenha um ótimo estudo e leve consigo o que aprendeu aqui. Afinal, o que trouxemos foram ferramentas que estão à sua disposição e só pelo uso pode-se ampliar as habilidades de manejar estas ferramentas para os fins apropriados.

Siga em frente e muito sucesso.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.. A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever**. Florianópolis; São Paulo: UFSC; Cortez, 2002. p. 25-44
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 out. 1996. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 9 out. 2012
- BOOTH, W. C; COLOMB, G. G; WILLIAMS J. M. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BUZZI, A. **Introdução ao pensar**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CUMMINGS, S. R.; STEWART, A.; HULLEY, S. B. Elaboração de questionários e instrumentos de coleta de dados. In: HULLEY, S. B. *et al.* **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003, P.265 - 281
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento de pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FONSECHI-CARVASAN, G. A.; MORAIS, S. S. **Aula: Análise exploratória dos dados**. Disciplina TG-584: Metodologia de pesquisa em reprodução humana II. Campinas: Curso de Pós-Graduação em Tocoginecologia do DTG/FCM/UNICAMP, 2003. Mimeografado.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisa qualitativa em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1. p. 17-27, jan. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2012.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GODIM, J. R. **Fraude em pesquisa científica**. 17 jan. 2002. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/fraude.html>>. Acesso em: 9 out. 2012.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HARDY, E. **Instruções para escrever um projeto de pesquisa**. Campinas: Macroven Gráfica, 2002.

- HULLEY, S. B. et al. **Delineando a pesquisa clínica**: uma abordagem epidemiológica. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. 374p.
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LEOPARDI, M. T. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2001.
- LEVIN, J.; FOX, J. A. Organização dos dados. In: _____. **Estatística para ciências humanas**. 9. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004. p. 27-77.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 1988.
- MARASCIULO, A. C. E.; NASSAR, S. M. Conceitos básicos em bioestatística e epidemiologia clínica. In: DRUMMOND, J. P.; SILVA, E.; COUTINHO, M. (Org.). **Medicina baseada em evidências**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2002. p.87-123.
- MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis**: an expanded sourcebook. California: Sage, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 28. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco, 2004.
- PÁDUA, K. S. **Aula**: instrumento para coleta de dados. Disciplina TG-583: Metodologia de pesquisa em reprodução humana I. Campinas: Curso de Pós-Graduação em Tocoginecologia do DTG/FCM/UNICAMP, 2002. Mimeografado.
- POLIT D. F.; BECK C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: avaliação de evidências para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2011. 669p.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1995.
- ROUQUAROL, M. Z.; ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia & Saúde**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 708p.
- RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- SOUSA V. D.; DRIESSNACK M., MENDES I. A. C. Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem. Parte 1: desenhos de pesquisa quantitativa. **Rev Latino-Am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 3, maio/jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n3/pt_v15n3a22.pdf>. Acesso em: 9 out. 2012.

TRENTINI, M.; BELTRAME, V. A pesquisa convergente-assistencial (PCA) levada ao real campo de ação de enfermagem. **Cogitare Enferm**, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 156-160, 2006.

TRENTINI, M., PAIM, L. An innovative approach to promote a healthy lifestyle for persons in chronic conditions in Brazil. In: TURLEY, A.B.; HOFMANN, G. C. **Life Style and health research progress**. New York: Nova Publisher, 2008.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa convergente assistencial**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em enfermagem: uma modalidade convergente-assistencial**. Florianópolis: UFSC, 1999.

TURATO, E .R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2003.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2012.

Minicurrículo dos autores

Flávia Regina Souza Ramos

Enfermeira, Mestre e Doutora em Enfermagem (UFSC) e Pós-Doutora em Educação (Universidade de Lisboa), é professora da Universidade Federal de Santa Catarina, na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Atua na área da Saúde Coletiva, e especialmente na temática do processo de trabalho e da ética; e como pesquisadora (PQ CNPq) no Grupo de Pesquisa grupo PRÁXIS - saúde, trabalho, cidadania e enfermagem.

Endereço na plataforma lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3027670493001716>>

Maria Itayra Padilha

Enfermeira, Mestre e Doutora em Enfermagem (UFRJ) e Pós-Doutora em História da Enfermagem (University of Toronto), é professora da Universidade Federal de Santa Catarina, na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Atua na área da Saúde do Adulto e da História de Enfermagem e, como pesquisadora (PQ CNPq) no Grupo de Estudos de História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde (GEHCEAS).

Endereço na plataforma lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0763360754118102>>

Odaléa Maria Brüggemann

Enfermeira, Mestre em Enfermagem (UFSC) e Doutora em Tocoginecologia (UNICAMP), é professora da Universidade Federal de Santa Catarina na Graduação e no Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Atua na área da Saúde da Mulher, e especialmente na temática da assistência à mulher e família no processo do nascimento e como pesquisadora (PQ CNPq) no Grupo de Pesquisa em Enfermagem na Saúde da Mulher e do Recém-nascido (GRUPESMUR).

Endereço na plataforma lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3982102636233565>>



Ministério da
Saúde

